

A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus: Manifesto Ultrafuturista de Raul Leal (Henocho)

António Almeida*

Palavras-chave

Raul Leal, *A Visão de Dois Artistas*, Mário Eloy, Alberto Cardoso, Astralédia, Ultrafuturismo, Paracletianismo.

Resumo

Apresenta-se aqui o texto integral do manifesto ultrafuturista *A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus* da autoria de Raul Leal, companheiro habitual de Fernando Pessoa em algumas das mais importantes manifestações culturais e polémicas do movimento modernista português. O manifesto em questão é um marco no pensamento lealino, uma vez que se assume como a primeira aparição oficial do Paracletianismo, Religião do Espírito Santo ou Divino Paracleto concebida por Raul Leal a partir de 1917.

Keywords

Raul Leal, *The Vision of Two Artists*, Mário Eloy, Alberto Cardoso, Astraledia, Ultrafuturism, Paracletianism.

Abstract

The document hereby presented is the full form of the ultrafuturistic manifesto *The Vision of Two Artists and the Luxurious Folly of God* by Raul Leal, Fernando Pessoa's customary associate in some of the most important cultural manifestations and controversies of the Portuguese modernist movement. The aforementioned manifesto is a hallmark in lealian thought, as it represents the first official apparition of Paracletianism, Religion of the Holy Ghost or Divine Paracleto conceived by Raul Leal from 1917 onwards.

* Universidade Nova de Lisboa, Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies (CETAPS).

Toda a arte deve ter uma unção formidavelmente divina e astral em louca e luxuriosa Vertigem-Besta!...

Raul Leal, *A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus*

A Pinharanda Gomes

Passado pouco mais de meio século sobre a morte de Raul Leal (1886-1964), assiste-se, com a efeméride dos centenários de *Orpheu* e *Portugal Futurista*, à lenta reabilitação desta singular personalidade votada durante largos anos ao quase esquecimento no panorama literário português.

Com efeito, o autor de *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit* começa agora a disfrutar de um pouco mais da merecida visibilidade, com artigos e ensaios dedicados à sua obra em revistas e com a publicação de alguns inéditos. Nesse sentido, o intuito do presente artigo é o de apresentar o texto integral do manifesto *A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus*¹, na sequência do estudo incluído no número anterior de *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies* (ALMEIDA, 2017).

Nos primeiros anos do século XX, a mudança de mentalidades em termos artísticos pela qual os jovens pintores e escultores portugueses ansiavam e os fazia rumar a Paris para se inscrever nas Academias Livres do Montparnasse, tardava a fazer-se repercutir em Portugal. Na sequência do primeiro impulso dado pela “Exposição dos Livres” (1911), tentativa ainda algo incipiente de ultrapassar a tradição oitocentista, seriam numa primeira fase a “I Exposição dos Humoristas” (1912) e a “II Exposição dos Humoristas” (1913) em Lisboa e a “Exposição dos Humoristas e Modernistas” (1915) no Porto, as responsáveis pela reunião de artistas em princípio de carreira como José de Almada Negreiros, Emmérico Nunes, Jorge Barradas, António Soares, Cristiano Cruz, Armando Basto, Stuart Carvalhais ou Canto da Maia, para apenas citar os mais destacados. Estes expositores pretendiam agitar as águas para impor as tendências modernizantes face ao naturalismo do Grupo de Leão que dominava simbolicamente o panorama artístico português.

Sempre vigilante no que respeita à sucessão das correntes artísticas em Portugal e no estrangeiro, Raul Leal desempenhou ao longo da sua vida o papel de

¹ Na transcrição do manuscrito, optei por manter a sua grafia original, utilizando o *itálico* para os vocábulos / expressões de sublinhado simplex e o negrito para os de sublinhado duplo. Embora o manuscrito apresente vários segmentos riscados e passagens acrescentadas, geralmente por sobreposição, apenas através do confronto com o impresso do manifesto se poderá aferir de modo cabal a existência de variantes. Contudo, se cotejarmos o manuscrito com o impresso mutilado e incompleto apresentado em ALMEIDA (2017: 147), verifica-se que o autor terá burilado o texto desde a sua produção em março de 1924, tendo em vista a publicação futura, fazendo alguns acrescentos manuscritos a caneta na margem do próprio impresso.

agitador cultural, emprestando sempre um cunho original aos seus escritos, como sucedeu nos textos que consagrou aos artistas modernos Santa-Rita Pintor, Alberto Cardoso, Mário Eloy, Mário Cesariny de Vasconcelos, Artur Bual e Pablo Picasso.

Esta prática contínua de intervenção no campo artístico-literário por parte do autor começou a tomar forma com a sua colaboração em *Orpheu 2* com “*Atelier – Novela Vertígica*”, momento em que embarcou definitivamente na revolução artística encetada pelos modernistas, somando preocupações estéticas às filosóficas e políticas, como tinha sucedido até então.

Assim, a par de uma fornada de jovens que se procurava estabelecer no panorama da crítica de arte portuguesa como João Dias-Sancho, Vítor Falcão, Ruy Vaz, Afonso de Bragança ou Mário Domingues, entre outros, iniciou a sua atividade crítica e doutrinária alicerçada no desejo de revisão dos valores em arte, com o texto “*L’Abstractionnisme Futuriste – Divagation Outrephilosophique-Vertige à propos de l’œuvre géniale de Santa Rita Pintor, ‘Abstraction Congénitale Intuitive (Matière-Force)’, la suprême réalisation du Futurisme*”, apologia da obra pictórica do companheiro Santa-Rita Pintor incluída em *Portugal Futurista* (novembro de 1917). A contribuição de Raul Leal para o número único desta revista foi concebida a partir de meados desse ano, uma vez que, por ainda permanecer exilado em Espanha, o autor não participou na Conferência Futurista no Teatro República, em 14 de abril de 1917, na qual seriam entronizados Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor como figuras máximas do futurismo português.

Porém, esta forma distinta de encarar a arte teria o seu apogeu com a “*Questão dos Novos e dos Velhos na Sociedade Nacional de Belas-Artes*” (1921-1922), na qual um conjunto de jovens artistas liderados por José Pacheco tentou alterar os estatutos com o objetivo de ocupar cargos diretivos, influenciando desse modo o rumo da agremiação da Barata Salgueiro, o que lhes foi negado. Raul Leal assumiu um papel ativo na polémica e, como era seu apanágio, tomou o partido dos novos: em primeiro lugar, tecendo considerações sobre o assunto no *Diário de Lisboa* com o artigo “*O Passado e o Futuro – Os velhos e os novos*” (LEAL, 1921), depois com a sua presença em 14 de dezembro no banquete oferecido a João Vaz, do Grupo do Leão, apoiante da entrada dos novos na Direção da S.N.B.A. (*DIÁRIO DE LISBOA*, 1921a e *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, 1921d) e, finalmente, com a conferência “*A Derrocada da Técnica*” (LEAL, 1922: 60-63) pronunciada a 18 desse mês no Comício Intelectual do Chiado Terrasse presidido por Gualdino Gomes e no qual intervieram ainda José Pacheco, Almada Negreiros, António Ferro, Leal da Câmara, Mário Domingues e José Esaguy (*DIÁRIO DE LISBOA*, 1921b e *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, 1921c).

Finda a “*Questão dos Novos e dos Velhos na S.N.B.A.*”, com a manutenção do poder nas mãos dos últimos, Raul Leal embarcou em nova polémica em fevereiro de 1923, desta feita ao protagonizar um escândalo com a publicação do opúsculo *Sodoma Divinisada* em defesa de António Botto e do seu livro *Canções*,

reeditado no ano anterior pela Olisipo de Fernando Pessoa. O facto de ousar de modo tão flagrante ir contra o estabelecido em termos morais, afrontando os poderes constituídos, teve repercussões imediatas, com a reação a ficar a cargo da Liga de Ação dos Estudantes de Lisboa, liderada por Pedro Theotónio Pereira, futuro ministro de Salazar. Com efeito, os estudantes das Escolas Superiores de Lisboa levaram a cabo uma campanha moralizadora, promovendo rusgas a livrarias e persuadindo as autoridades competentes, nomeadamente o Governador Civil de Lisboa, a ordenar a apreensão e destruição dos “livros imorais” atrás mencionados, a que se juntou *Decadência* da autoria de Judith Teixeira.

O ataque por parte dos estudantes conservadores seria o móbil para a produção de dois manifestos por parte de Fernando Pessoa: “Sobre um Manifesto de Estudantes” e “Aviso por Causa da Moral” – este a cargo do heterónimo Álvaro de Campos – e outros dois pelo profeta paracético Raul Leal (Henoch): “Uma Lição de Moral aos Estudantes de Lisboa e o Descaramento da Igreja Catholica” e “Para os Sordidos Estudantes de Lisboa”, entre março e maio de 1923.

Este escândalo inflamado pelas *leves reflexões theometafísicas* expendidas em *Sodoma Divinizada* motivou um apagamento de Raul Leal por sensivelmente nove meses, momento em que, a pretexto da exposição dos artistas Mário Eloy e Alberto Cardoso, realizada de 16 a 31 de março de 1924 no Salão da “Ilustração Portuguesa”, teria nova ocasião para expor as suas concepções filosófico-artísticas.

Deste modo, à semelhança do que tinha intentado anteriormente com *O Bando Sinistro* (1915), o manifesto *A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus* produzido nos dias subsequentes ao *vernissage* da exposição ocorrido em 15 de março, constituiu, assim, um toque a reunir dirigido à mais recente geração de pintores portugueses de que faziam parte Guilherme Filipe ou Mário Eloy, num esforço de congregar sinergias em torno do desígnio máximo de revolucionar o meio artístico em Portugal. Para tal, estes deveriam conformar-se às concepções avançadas no manifesto para superar o programa marinettiano, conferindo uma feição tipicamente portuguesa ao futurismo e, desse modo, reclamando para Portugal a vanguarda no contexto artístico europeu com um “ultrafuturismo”.

Contudo, para além da tentativa de superar o futurismo ortodoxo, a produção deste novo manifesto encerrou ainda uma importância capital para o pensamento lealino, uma vez que se cifrou na primeira aparição oficial do Paracletianismo, Religião do Espírito Santo ou Divino Paraclete, que o autor começou a conceber em 1917, inspirado na leitura de *Là Bas* de J.-K. Huysmans. Este manifesto paracletiano, contributo original de Raul Leal em termos metafísicos, teria o seu paralelo estético no conceito da Astralédia ou “Teatro nos Espaços” (LEAL, 1977: 9), no qual se fundem de forma vertiginosa todas as artes em abstrato para edificar a Cidade Paracletiana da Vertigem Astral, utopia que superaria, na sua perspetiva, as correntes artísticas do início do século XX.

Importa salientar que, apesar das contrariedades, o filósofo de *A Liberdade Transcendente* manteria uma coerência invejável ao longo da sua vida, como ficou patente no caso da *Sodoma Divinisada*, ato de coragem que lhe granjeou a reputação de *persona non grata*, fechando-lhe portas no seio da sociedade portuguesa. Este facto colocou em causa muito daquilo que aspirava atingir e, a par do estilo vertigoso e do hermetismo típico de alguns dos seus escritos, concorreu de forma decisiva para o malogro sistemático dos projetos de publicação da obra, a que dedicou as energias na fase derradeira da sua existência.

Apesar do louvável esforço de divulgação por parte de Pinharanda Gomes que, nos anos seguintes à morte de Raul Leal, reuniu alguns dos textos do pensador de *Sindicalismo Personalista* dispersos por jornais e revistas nos volumes *O Sentido Esotérico da História* (1970) e *Problemas do Desporto – Ensaios de Filosofia Desportiva* (1970), a obra lealina permanece em larga medida inédita. Oxalá que estes meus humildes contributos possam igualmente vir a inspirar noutros o desejo de gradualmente revelar esta personalidade heterodoxa, única no contexto do pensamento moderno português.

A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus Apelo às gerações novas a propósito duma exposição de pintura

As salas da Ilustração Portuguesa acabam de se abrir para dois artistas: **Alberto Cardoso** e **Mario Eloy**.

O pintor **Alberto Cardoso**, já conhecido do nosso publico, é uma rara sensibilidade que muito bem tem sabido combinar o espirito da arte europeia e a alma portuguesa. A Vida para ele desenrola-se como um cenario magnifico de si propria, um “*décor*” maravilhoso que só ela utiliza e vive. Não se trata de elementos decorativos de quaesquer cousas que não sejam esses mesmos elementos decorativos. Estes não se desenrolam para nada de exterior mas só para eles proprios, tratando-se pois dum “*décor*” absoluto, dum “*décor*” *em si* e que só para si proprio é destinado. Deste modo é que Alberto Cardoso visiona a Vida.

Muitos impressionistas estrangeiros em quem aliás o artista mais ou menos se inspirou, sentem igualmente a Vida como um “*décor*” puro, “*une robe de parade*” a surgir em abstrato e a desenvolver-se suspensa em abstrato Vacuo. Entretanto, essas impressões decorativas que constituem para eles a Vida, não possuem quasi interior, não teem substancia, são eter puro. Ora a poderosa decoração vital vivida por Alberto Cardoso, sem possuir uma substancia profundissima e profundamente animica, possui porém uma verdadeira substancia e com vibrante essencia animica. Segundo os impressionistas estrangeiros não ha o minimo animismo interior nas impressões da Vida, elas só são vibrações de eter em sua natureza puramente fisica. E é por serem fisicas [2] que mal possuem interior, não possuindo jámais substancia pois o que é fisico não tem substancia, é só Vacuo, o Grande Vacuo da dinamica e não animica civilização moderna.

Alberto Cardoso é um pintor portuguez e portanto nunca poderia viver a Vida sem substancia animica, sem a alma a convulsional-a interiormente. Nessas condições, se a Vida para o artista é um “*décor*” puro, não deixa por isso de ser um “*décor*” essencialmente animado, não possuindo apenas uma natureza fisica. O que para os estrangeiros constitue impressões eletricas sem substrato proprio, para o pintor Alberto Cardoso constitue verdadeiramente impressões animicas com vaga essencia, assim espiritual. Não quer isso dizer que o artista que eu estou considerando não viva uma decoração por vezes brutal na Vida pois a verdade é que a espiritualidade, em lugar de diminuir o brutalismo, acentua-o até poderosamente. Sem ela, tal brutalismo será tão superficial que surgirá impotente, falso como de farrapos de nimbos. Só quando ha animismo é que a brutalidade, alimentando-se dele, vindo do interior, da essencia das cousas, se enche dessa força interior que a torna magnanimamente explosiva. É por isso que as naturezas mais profundamente misticas, espirituas, animicas, são as que possuem uma mais

pura, mais intensa, mais profunda e convulsiva espiritualidade. A Carne nelas é a explosiva manifestação bestial do Espírito. Sem este faltará á Carne a sua propria força interior e assim ela será frouxa, mole, languida ou duma raiva impotente. Não é a Idade Média a Idade mais profundamente bestial e mais puramente espiritualista? É que a Idade Media soube viver bem o Espírito-Besta! E é esse Espírito, puro, intensissimo, *bestial* e pois impregnado de bestialidade pura, o que os portugueses profundamente vivem em profunda e delirante emoção.

Por isso um impressionista portuguez como Alberto Cardoso, possui [3] mais Espírito, mais animismo interior e simultaneamente mais bestialidade do que os impressionistas estrangeiros. Não quer isso dizer que Alberto Cardoso seja dos artistas mais brutaes mas é-o suficientemente, não possuindo as suas obras aquela natureza mole, eterea dos impressionistas estrangeiros, a desfazer-se em luz e côr dissolutas, sem força interior a animal-as, a fortalecel-as, sendo só falsa, quimerica, eterea a sua força, o seu berrantismo, no fundo, impotente. Em Alberto Cardoso a força da côr e da luz vem de dentro, possui pois uma certa profundidade e portanto uma autentica rialidade. Por muito que um impressionista estrangeiro, particularmente francez, faça berrar a côr e a luz, sente-se sempre a falsidade de tal estridencia e porque éla é só exterior, não possui base, não vem do intimo, da essencia animica das cousas e dos seres. Não é assim falsamente que a côr e a luz berram na arte de Alberto Cardoso. Como portuguez, ele dá interior á sua conceção decorativa da Vida, e portanto vindo bem de dentro todo o berrantismo dela, vem com toda a força intima, poderosa que só a alma das cousas sabe dar. No berrantismo francez não ha essa alma, essa força interior a fortalecel-o e por isso se desfaz em eter. Alem de que os francezes vivem só com a sensibilidade exterior a Vida de impressões, ao passo que Alberto Cardoso, como portuguez, vive essa mesma Vida com o intimo do eu. É neste que se desenvolve a “robe de parade” em abstrato que é a Vida, segundo a visão interior do artista. O mundo de impressões decorativas tem para Alberto Cardoso substancia, animismo intimo a consolidal-o, a fortalecel-o e alem disso, esse mundo não é apenas vivido pela sua visão exterior, sendo antes vivido no eu do artista que assim ainda mais interiormente fortalece o “décor” que para ele é a Vida. [4]

O processo francez permite talvez uma analyse muito subtil, muito escrupulosa da côr e da luz, analyse a que não desce Alberto Cardoso, sem duvida mais sintetico, menos impressionista, se assim quizerem consideral-o. Quem vive na superficie é que em geral escalpelisa melhor, sendo certo que as naturezas mais profundas são as que menos se preocupam com os detalhes, sendo portanto pouco analiticas. A sua especulação profunda d’alma não lhes dá tempo para analyses subtis que para mais são consideradas pelos puros especulativos como cousa desprezivel visto os resultados de tal analyse não serem nada quando postos em confronto com os resultados profundos da especulação. Poder-se-ha entretanto combinar o espirito especulativo e o subtilmente analytic? Talvez e util será essa

combinação que não deixa porém de ser rara. Em geral, a subtileza *analytica* pertence ás naturezas superficiaes como a dos francezes e a da mulher. Apesar de Alberto Cardoso não ser um espirito especulativo, não possui porém a superficialidade conveniente – se não indispensavel – a um espirito subtilmente *analytico*. É só por isso que ele não diseca a côr e a luz á maneira dos impressionistas francezes. Mas o que essa côr e essa luz teem nele é muito mais força interior, muito mais animismo essencial. O Génio portuguez não deixa de surgir poderósamente na visão artistica do pintor Alberto Cardoso que festivamente se engrinalda de luminosas flôres animicas, espirituaes... [5]

O moço pintor **Mario Eloy**, então profundo psicologo, procura viver ainda mais de dentro os seres e as cousas que exprime nas telas. As suas figuras tambem não se desenrolam numa visão exterior pois são antes vividas interiormente, essencialmente pela alma do artista. É nessa alma, como sonho intimo dela, sua intima criação, que o mundo de fantasmas que constitue a Vida, se desenvolve lentamente em todo o seu interiorismo, em sua essencia animica. E para o artista as cousas que na alma dele envolvem os seres, formando ambiente, são como que o prolongamento deles, a irradiação vibrante de toda a sua natureza essencial, a aura vaga emanada do seu espírito, por vezes tornado carne. Deste modo, Mario Eloy mostra que sem a tecnica futurista se pode tambem evocar a bela conceção do homem-ambiente. Segundo essa conceção dos mais avançados pintores italianos, o ambiente, o Infinito forma as cousas e os seres, integrando-se, essencializando-se neles que por seu lado criam da mesma forma o ambiente que os envolve e com que identificam assim. É sobretudo esse segundo aspeto que Mario Eloy acentua nos seus quadros, aliás duma tecnica, não digo antiga, mas ainda um tanto passadista em relação á tecnica do futurismo. O ambiente para ele é mais uma emanção das figuras do que criador delas e entretanto presente-se, tambem ainda que incertamente, e com menos poder essa ultima criação. Aliás, em o artista se desenvolvendo, decerto compreenderá em absoluto que o ambiente é tão criado, é tão expelido pelas almas como formador criativo delas. Tudo se cria mutuamente, todos nós uns aos outros nos criamos, sendo todos os seres e cousas que nos envolvem, o nosso [6] mundo de impressões por nós concebidas e sendo pois cada um de nós um mundo de impressões desenroladas na conceção criadora dos outros seres ou fantasmas de seres. A relatividade criadora é pois mutua. E é isso que o futurismo procura acentuar duma forma direta. Mario Eloy só longiquamente evoca esse processus relativista por isso que a sua tecnica, como disse já, não se inspira na escola futurista, tão clarividente; entretanto, concebendo tambem o homem-ambiente do futurismo, toma a direção dessa escola, restando-lhe abandonar por completo os processos um tanto passadistas que ainda emprega. E então conseguirá exprimir admiravelmente arte futurista *portuguesa*.

Para os futuristas italianos [sic] – pelo menos assim os concebo, podendo concebê-los doutra forma, visto tudo ser subjectivo, ser só concepção nossa – a Vida não tem essência animica e portanto o Mundo não é mais do que um mundo de impressões sem substância interior, sem psiquismo essencial. Ora é certo que somos impressões uns dos outros mas profundas impressões d’alma ou antes, sonhos d’alma e possuindo uma essência animica que se pode abysmar até em Deus! Os futuristas italianos vivem interiormente, vivem de dentro o exterior e contudo não só o vivem apenas com os sentidos, não com o eu, mas também vivem-no como qualquer coisa que não tivesse propriamente substância, animismo essencial, possuindo pois sómente um interior bem pouco profundo, até mesmo, bem pouco verdadeiro. Óra um portuguez nunca deixa de viver profundamente com o eu, não apenas com os sentidos, tudo que sente, tudo que o envolve e sente tudo isso muitas vezes, quasi sempre como qualquer coisa de profundamente, de abysmicamente animico. Encontra assim uma substância psiquica profundissima em todos os seus sonhos que constituem a vida inteira, o mundo [7^a] das cousas e dos seres...

Mario Eloy que é particularmente um psicologo, abysmando-se bem *atravez de si proprio* na essência intima das almas, nunca poderia ser um futurista empirico, á maneira italiana. Mas pode então sê-lo portuguezmente, sentindo bem em si proprio, – não apenas na sua visão, nos seus sentidos, segundo o processo italiano, – sentindo bem *atravez do intimo do seu eu*, as impressões do Mundo, não duma forma empirica bem essencialmente, mas bem animicamente a gerarem-se umas nas outras como almas profundissimas e não simples impressões lisas sem substância, sem verdadeiro interior abysmicamente espiritual.

E pode ir ainda muito mais longe. Por enquanto ele vê os aspetos da Vida que são os seres e as cousas, como individuos puros, puras monadas com ambiente proprio nelas gerado e apenas distintas em absoluto umas das outras. Óra segundo o processus relativista a que acabo de referir-me, tudo gera-se no abysmo animico de tudo e portanto não ha essa separação “tranchée” de monadas. Ha nos seres e nos objetos qualquer coisa de indecisamente individual *atravez de qualquer coisa de puramente universal, puramente infinito*. O Infinito que ha em cada objeto e em cada ser, é, por natureza, continuo, uno, é enfim Unidade Pura. Mas *atravez de o ser, é também pura Multiplicidade que só esta exprime verdadeiramente Infinito*. Trata-se pois neste de contraditoria Multiplicidade-Um. Óra se o Infinito é feito duma infinidade de elementos, individuaes por natureza – doutro modo não eram elementos distintos e não havia pois Multiplicidade –, para ser também continuo, uno, tem de surgir totalmente em cada um desses elementos. Mas o Infinito é a totalidade deles e portanto em cada um estão todos para que a continuidade pura do Infinito se estabeleça. Como porém nessa continuidade ou unidade pura ha pura multiplicidade, [8^a] os elementos são puros individuaes distintos *atravez de serem assim indistintos, estando labyrinticamente uns nos outros, continuando-se*

labyrinthicamente uns com os outros. Ora puros individuais são puros eus, puros seres que por surgirem puros, como qualquer coisa de absoluto, surgem *em si*. Surgindo *em si*, sendo qualquer coisa de *em si*, concentram-se puramente em si próprios, são uns puros Concentram-se em si próprios a ponto de a si próprios *se sentirem*. Se eles se sentem, se teem *sentir* é que são de natureza animica. E como são tão puramente individuais como puramente universais – como são distintos e indistintos, sendo cada elemento um eu separado dos outros e simultaneamente surgido nos outros – a sua natureza de seres animicos é contraditória e incerta pois se enquanto distintos, são bem seres, enquanto indistintos não o são verdadeiramente: o ser surge em si e pois em separado de tudo. Deste modo trata-se antes de *fantasmas*, sendo certo que o *fantasma* para nós tanto tem de ser real e animico ser real como de quimera. Assim a natureza incerta dos elementos que constituem o Infinito, é uma natureza fantasmica. Somos pois um mundo de fantasmas, uns nos outros. Óra para Mario Eloy os elementos da Existencia são só individuais distintos, ainda que com ambiente proprio continuado de certo modo com eles, não se tratando pois, segundo o artista, de elementos que sejam tão distintos como indistintos. O ambiente de cada elemento, de cada ser e continuado com ele, é ainda para o pintor um ambiente *particular*, não é o ambiente formado por toda a infinidade de seres fantasmicos a surgirem labyrinthicamente uns nos outros e *só assim* incertamente, indecisamente distintos uns dos outros. E a verdade é que os fantasmas da Existencia são só aspetos distintos e indistintos da mesma substancia metafisica ou *theometafisica*. Isso é que Mario Eloy ainda não vê também, mas pôde vê-lo. [9]

Para o artista os seres com o seu ambiente proprio *particular* são diferentes e não teem relação nenhuma uns com os outros. Ora quando a sua visão se aprofundar ainda mais, ele marcará bem na sua arte a relação metafisica essencial que ha entre os seres, fantasmicos aspetos varios da mesma substancia. A Existencia que é o Infinito, é com efeito só uma e portanto atravez da diferença de seres deve surgir uma Identidade essencial. Eles são diferentes mas pertencem ao mesmo, sendo pois só indecisamente diferentes. Mario Eloy vê só a diversidade e não a identidade fundamental das cousas atravez dessa diversidade, assim incerta. Mas virá tempo em que atingirá a substancia una da Existencia.

E a Existencia, o Ser Universal, sendo puramente em si, sendo pois um puro Concentrar-se em si proprio, a ponto de ser Sentir-se, está tão puramente concentrado no seu existir que com este se identifica a ponto de não ser mais do que ele. Deste modo, no fundo, só ha o existir de Existencia, o existir de Ser e *não este propriamente*. Tratando-se mesmo, em ultima analyse, dum Existir todo Abstração, dum Existir em Si e não já propriamente dum existir de Existencia ou de Ser, trata-se, no fundo, dum Existir que não sendo de Ser, de Existencia, é *vazio* desta, é pois essencialmente Inexistencia ou Vacuo. Mas é pelo facto da Existencia ser puramente em si, estar puramente concentrada no seu existir a ponto de o ser,

não sendo mais do que ele, reduzindo-se pois só a ele e tornando-se assim vazia de si própria, é por esse facto que ela se esvazia. Ora Existencia puramente em si é Existencia pura, absoluta e portanto é o seu purismo que a aniquila. Deste modo, o aniquilamento da Existencia no Existir todo Abstração, no Existir puro, vazio dela, deriva do purismo excessivo de tal Existencia. Portanto, em conclusão: [10] ha Inexistencia, ha Vacuo no Existir por haver puramente, excessivamente Existencia. Trata-se pois de qualquer cousa de incerto que tendo tão puramente de Existencia como de Inexistencia ou Vacuo, é um verdadeiro Vacuo-Animico ou Vacuo-Fantasma em Vertigem. Eu me explico: a Existencia (que é só Existir), sendo em si, é como tenho dito, um puro Concentrar-se em si propria a ponto de ser Sentir-se, facto animico, por natureza. E portanto se no Existir a que a Existencia, no fundo, se reduz, excedendo-se, transcendendo-se a si propria, ha animismo suposto no facto dela ou do Existir ser em si, ser puro Sentir-se, é que o Vacuo essencial desse Existir se impregna de tal animismo, tornando-se pois Vacuo-Animico ou antes Vacuo-Fantasma visto a palavra fantasma já conter de si o conceito de existencia animica e de quimera ou irrialidade, enfim, inexistencia. Ora como esse Vacuo-Fantasma que é o Existir, possui uma natureza contraditoria, incerta, indecisa, sendo tão Existencia pura, animica como Inexistencia, a sua natureza é bem essencialmente *vertigica*. Com efeito o que é contraditorio e incerto não só causa vertigem quando o pensamos mas é também essencialmente Vertigem! Esta é um conceito que exprime bem a incerteza metafisica, essencial da natureza contraditoria do Existir. Tal natureza, como contraditoria, é incerta, *indefinivel*, é pois bem vertigica: o que é indefinivel, é confuso, e o que é confuso, embrulhado é bem essencialmente vertigico; a Vertigem exprime bem o que ha de embrulhado, de contraditorio, de confuso no Existir que é pois um Vacuo-Fantasma em Vertigem. E se os elementos fantasmicos do Existir-Infinito são contraditoriamente, embrulhadamente eles proprios e uns os outros é que a sua natureza é também vertigica.

Óra é facil de vêr como os fantasmas vertigicos do Existir são supostos [11] metafisicamente, isto é, por razão metafisica na propria natureza essencial do Vacuo-Fantasma em Vertigem. Este, por razão metafisica, é que os supõe. Se não vejamos.

Se no Existir ha animismo, se ele é puro Sentir-se, é que é puro sentir-se tudo que é, sendo pois sentir-se Vacuo-Fantasma em Vertigem. Ora é o purismo de Existencia ou antes, o purismo de Existir que torna este, Vacuo fantasmico, e se portanto ele, sentindo-se (ou sendo Sentir-se), se sente Existir puro, infinito, se sente enfim essencialmente Infinito, sem duvida a sua substancia enche-se, por esse motivo, de *prazer* e *orgulho*: o sentimento de Infinito em nós, isto é, no Existir que nós somos, a sensação de sermos Infinito dá-nos com efeito puro *prazer* e *orgulho*. Acresce a isso que se o Existir é em si, se é pois um puro Concentrar-se ou um puro Estar em contacto consigo proprio é que, no fundo, é puro Criar-se a si

proprio. Com efeito só se está em puro contacto consigo, com o seu existir quando se chega ao ponto de ele ser o puro agente interior desse existir. Então é que tal contacto é puro. Existir que não é puro Surgir por si proprio, por sua propria iniciativa, não está em absoluto contacto consigo. Para estar bem em contacto consigo, com o seu movimento, com a sua propria ação interior de existir, precisa acompanhar tão de perto essa ação que chegue a identificar-se com ela, surgindo pois como proprio agente intimo dela. Deste modo se o Existir é Existir por iniciativa propria é que é puro Criar-se; e como é tambem puro Sentir-se, é um Criar-se duma forma sentida, animica. Sendo um Criar-se é um criar-se tudo que é, é enfim um criar-se a si proprio Infinito ou um criar em si proprio Infinito, enfim um criar Infinito. E se o Existir é puro, puro é tambem o seu poder criativo que é assim omnipotente, divino. Ora se o Existir [12:] é um sentir-se tudo que é, sem duvida é um sentir-se esse poder criativo, divino, sem duvida é um sentir-se Deus. Mais um motivo de prazer e orgulho delirante.

E o poder criador do Existir é-lhe tão essencial que é sua essencia pura, absoluta e essa essencia divina do Existir-Infinito que nós somos, só será pura, absoluta se surgir *em si*. Surgindo *em si* no Existir, surge como puro individual, puro eu, pura Pessoa separada de tudo e pois distinta do Existir de que aliás é a propria essencia. E é por ser puramente a essencia dele que é qualquer coisa de puro, de em si, de pessoal, distinguindo-se portanto de tudo, distinguindo-se do proprio Existir: óra ser puramente a essencia do Existir, pertencer-lhe em absoluto o mesmo é que não se distinguir dele e como atravez dessa indistinção ha contraditoriamente a distinção a que acabo de referir-me, Deus ou o poder criador do Existir que nós somos é tão distinto como indistinto desse Existir, é tão distinto de nós. Óra o poder criador é o que ha de mais alto no Existir, e portanto enquanto distinto de nós, é-nos puramente superior, *humilhando-nos dolorosamente*, e enche-nos ao mesmo tempo de *orgulho* e *prazer* enquanto indistinto do Existir que nós somos. Assim a propria natureza desse Existir supõe, *cria* o orgulho, o prazer, a humilhação e a dôr. Tambem estes dois ultimos factos são gerados no sentimento que temos da nossa natureza de Vacuo. Somos Vacuo por sermos excessivamente Existencia mas isto não impede que o sejamos. Sentindo-nos Vacuo sofremos horrivelmente e sentimos em nós uma humilhação tremenda que assim se dá atravez do nosso orgulho e prazer. [13:] E esse sofrimento gera uma riação anciosa, dando-se em nós a *ancia* pura de existir, ancia que é iternamente satisfeita – o Existir-Puder, Existir-Deus (*Bem*) é eterno – e iternamente insatisfeita – eterno é tambem o Vacuo, o aniquilamento do Existir ou *Mal* –, surgindo assim uma situação contraditoria, incerta, *vertigica* como sempre.

Óra essa contradição essencial de tudo no Existir, vertigificando tudo, torna tal Existir absolutamente *louco* e assim a loucura é tambem suposta nele. E como o poder criador que ele possui é que cria tudo que ele é, tudo que nele é metafisicamente suposto (Prazer, Orgulho, Dôr, Humilhação, Ancia, Vertigem,

Vacuo, Bem, Mal, Animismo, Loucura), Deus que é esse puder, é que cria assim também a Loucura e sendo-a pois Ele é todo o Existir, tudo que o constitui através de ser indecisamente, vertigicamente distinto. A Loucura é pois de Deus como o Prazer, a Dôr, o Vacuo, o Bem, o Mal, a Ancia, o Orgulho, a Humilhação, a Vertigem, e o animismo criador.

E em Deus podemos distinguir a ação criadora do essencial puder criador dessa ação e se esta é propriamente o Verbo, o puder essencial d'Ele é a Sua essência, o Seu Espírito, o Seu *Espírito Santo*. Ora o puder criador do Existir é o que impõe este puramente, fazendo-o exceder o Ser, a Existência, é enfim o que o torna Vacuo-Fantasma em Vertigem. E visto ser no seu puder criador que o Existir se impõe dessa forma pura, excessiva a ponto de surgir como Vacuo fantasmico; visto ser em tal puder que surge assim a natureza de Vacuo fantasmico possuída pelo Existir, essa natureza pertence bem ao puder criador do Existir, isto é, do Espírito Santo. O Vacuo-Fantasma em Vertigem, excesso de Existir-Puder em que este se exprime puramente, absolutamente, excessivamente, é bem o Espírito Santo de Deus, o Seu puro, excessivo Puder anímico, Puder criador, essencial. E como é ele que supõe todos os outros aspectos do Existir, nele contidos, o Espírito Santo que o é como acabo de dizer, é que [14] supõe em Si Proprio tudo. Portanto Loucura, Vertigem, Ancia, Prazer e tudo o mais são a própria essência de Deus, o Seu próprio Espírito Divino. E isso tudo é que surge confundido e distinto, sendo certo que o purismo de cada um desses elementos puros, em si e pois anímicos ou fantasmicos, é que o torna todos labirinticamente e distinto de todos.

Com efeito se o purismo é que os torna *em si* e pois distintos uns dos outros, o mesmo purismo os torna indistintos. Rialmente é o purismo de Existência que a torna Vacuo e dando-lhe simultaneamente Prazer, Dôr, Orgulho, Humilhação, etc; o Prazer puro, abstrato, toma o Vacuo da Abstração, aniquilando-se assim como os outros elementos fantasmicos; e como se abstraciona, se esvazia por ser puro, *puramente existente*, afinal tanto existe como se esvazia, como não existe pois, possuindo, nesse caso, uma natureza incerta, vertigica, isto é, sendo Vertigem; ora esta é Loucura, dando Dôr Anciosa e portanto no Prazer que a supõe, ha essa Dôr e essa Loucura. Facil era proseguir mostrando que cada elemento fantasmico surge como sendo indecisamente todos os outros e de todas as formas que criam um verdadeiro labirinto genésico: labirinto através de que se geram fantasmas em fantasmas e tudo por obra essencial do puder criador do Existir, tudo por obra essencial do Espírito Santo de Deus!

Óra o que surge puramente, surge espiritualmente e também duma forma intensíssima, *bestial*. A Bestialidade expressa no Mundo –, o Mundo é o intenso, berrante, bestial Manifestar-se de Deus – a Bestialidade digo, do mesmo modo que o Espírito, é outro fantasma do divino Existir. E como é através dela que todos os outros fantasmas surgem – por serem puros, são fortemente, bestialmente existentes, são enfim, bestiaes – não resta dúvida que surge ainda um outro

fantasma que é a Luxuria. Na verdade esta, [15] paroxismo de Mundo, é feita de bestialidade, prazer, dôr, ancia, orgulho, bem, mal, despedaçamento, delirio, vertigem, enfim tudo que constitue o Existir, tudo que é suposto na sua natureza essencial de onnipotente Vacuo-Fantasma em Vertigem que é o Espirito Santo de Deus e o Espirito Santo da Morte: a Morte é bem por natureza, um Grande Vacuo e puramente animizado em Vertigem, isto é, duma forma excessiva, delirante, vertigica; e o vertigico Vacuo-Fantasma que é a Morte, é bem a essencia do Existir ou antes, a essencia da essencia excessivamente poderosa, divina do Existir que por ser excessivamente poderoso, excessivamente criador de Existencia, assim até excedida, é que é *essencialmente* tal fantasmico Vacuo ou Morte; óra a essencia da essencia divina do Existir é o espírito de tal essencia, propriamente o seu espirito divino ou Espirito Santo que é assim a Morte em que portanto se fundamenta o Existir, se fundamenta a Vida.

Ora se no Espirito Santo de Deus é suposta a Luxuria, esta e Loucura são bem a essencia de Deus. Deus é com efeito o que ha de excessivo, de onnipotente no Existir, e se essa excessividade vertigifica este que, por ela, é tão contraditoriamente, tão indecisamente, vertigicamente Existencia orgulhosa como Vacuo humilhante e doloroso, não resta duvida que tal excessividade, tal onnipotencia contraditoria, delirante, louca, contem um elemento de vertigem, a Vertigem que ela dá ao Existir. E essa Vertigem essencial do Existir que é Vacuo-Fantasma, é pura, intensissima, bestial, é bem Vertigem-Besta. Se é vertigificamente, excessivamente que se exprime a onnipotencia divina, se a Vertigem-Besta é bem a essencia de Deus, o seu Espirito Santo, Este é Loucura e Luxuria cuja natureza propria é bem de bestial Vertigem. Trata-se pois n'Ele dum pavoroso e sublime Vacuo-Fantasma em louca e luxuriosa Vertigem-Besta!

Ora todos os fantasmas criados pelo Espirito Santo são afinal todos os [16] elementos da vida empirica, combinados de formas diversissimas visto taes fantasmas tambem surgirem ou se gerarem de formas diversissimas uns nos outros por uma razão essencial que eu fui expondo quando mostrei essa génese. Um carater, uma cousa, uma sensação constituem um mundo de fantasmas, aqueles fantasmas que eu considerei (Animismo, Vacuo (*que é essencia de Materia*), Prazer, Dôr, Ancia, Loucura, Luxuria e tudo o mais). E do mesmo modo que quando especulamos sobre um fantasma, ele surge como sendo labirinticamente indistinto dos outros e tambem distinto, possuindo pois uma natureza incerta, indefenivel, vertigica que se escapa á minima analyse, do mesmo modo que isso se dá, tambem quando procuramos determinar uma cousa, um carater, seja o que fôr, encontramos-nos igualmente em frente do mesmo Indefinido Absoluto, da mesma Vertigem essencial. É que tudo isso que forma a Vida, constitue, como disse, mundos de fantasmas indeterminaveis, vertigicos, os quaes teem a sua razao essencial, metafisica na natureza de Vacuo-Fantasma, em Vertigem-Besta possuida pelo Existir que nós somos. É essa natureza que os supõe, é ela a sua razão de ser.

Ora voltando enfim ao nosso pintor: Mario Eloy vê tudo determinado, como que fixo e bem individual, bem distinto quando é certo que na Vida tudo é tão distinto como vertigicamente indistinto de tudo e duma forma labirintica. Mas ele pode e deve evolucionar. Assim deve fazer sentir nas suas telas – *enquanto pintar em telas* – que os caracteres expressos por ele profundamente, são um mundo labirintico de fantasmas indefeniveis, vertigicos (dôr, prazer, luxuria, ancia, loucura, bestialidade, [17] vacuo, bem, mal, tudo que forma o Existir e por ele ser essencialmente Vacuo-Fantasma em louca e luxuriosa Vertigem-Besta), mundo de fantasmas que surge por uma razão metafisica ou theometafisica, razão que está no facto do Existir ser o fantasmico e vertigico Vacuo que supõe, por sua propria natureza, taes fantasmas vertigicos em vertigico Labyrintisar. E essa razão theometafisica deve ser bem expressa na arte do pintor como expresso deve ser o facto desse mundo fantasmico pertencer á mesma substancia una, ao tal Vacuo-Fantasma em Vertigem-Besta que é o uno Existir Infinito. Mario Eloy de quadro para quadro, é diferentissimo como se as figuras que ele exprime, aparecessem na vida ao acaso e sem intimas relações ocultas. Ora a verdade é que todos nós, sendo diferentissimos – e com diferenças aliás indeterminaveis, vertigicas, no fundo, diga-se de passagem – não deixamos de ser aspetos do mesmo e por isso atravez de toda a nossa diversidade déve-se fazer sentir uma identidade fundamental. Para Mario Eloy os homens são só diversos, não tendo nada de essencialmente comum entre si quando é certo que eles são só infinituplos aspetos fantasmicos da mesma substancia intima. Ora é essa substancia, sempre identica a si propria, que deve surgir constantemente atravez das variadissimas expressões que assim devem possuir uma identidade fundamental. A substancia a que me refiro, a essencia de todos os seres ou fantasmas de seres que constituem a Vida ou o Existir e que aparecem por uma razão theometafisica, não surgindo por acaso, sem razão intima de ser, essa substancia ou antes essa essencia – não se trata verdadeiramente de substancia por causa do Vacuo essencial – é o Vacuo-Fantasma em Vertigem-Besta, Espirito Santo [18] da Morte e Espirito Santo de Deus. Assim os caracteres, atravez de serem distintos, diferentes e indecisamente diferentes, devem surgir todos como expressão desse fantasmico e divino Vacuo que se deve manter sempre o mesmo atravez da diversidade de expressões e caracteres. Deste modo as telas dos artistas, sendo diferentes, serão tambem essencialmente identicas pois em todas elas estará impresso constantemente o Espirito Santo ou Vacuo-Fantasma em Vertigem-Besta. Expressir este na sua arte deve ser o primeiro cuidado do artista e atravez de o exprimir é que deve então exprimir os varios caracteres e como sendo fantasmicos aspetos varios de tal divino Vacuo, por ele supostos metafisicamente. Mario Eloy vae ao fundo das almas e vivendo-as na sua propria alma; entretanto não vae ainda tão ao fundo que encontre a essencia identica de todas atravez de que elas se continuam umas com as outras. Os homens são distintos e diversos mas atravez de possuirem a mesma natureza essencial que é necessario, antes de mais

nada, exprimir nas telas. Exprimir apenas a diversidade não basta, torna-se indispensável mostrar que essa diversidade é só vertigica, indecisa, incerta diversidade de fantasmicos aspetos metafisicos do mesmo. E essa natureza fantasmica de tudo deve surgir sempre nas obras d'arte, natureza que é afinal a impressa no Vacuo-Fantasma em Vertigem.

Nós intuicionamos o Astral que é a Morte, como qualquer coisa de puramente Espirito e puramente Vacuo-Abstração, conceitos que transcendem a compreensão nítida, definidora, sendo pois vividos como qualquer coisa de absolutamente Indefenido, de absolutamente, *bestialmente* Vertigem. Conceber esse Astral é conceber o Indefenido Absoluto, é conceber a Vertigem-Besta, feita essencialmente de Vacuo e de Espirito em delirio abstrato. Deste modo ele é bem o [19] vertigico Vacuo-Fantasma a que me tenho referido. Dar a todas as expressões da Vida, a todos os caracteres humanos uma essencial expressão de Vacuo-Fantasma em Vertigem-Besta, é dar-lhes uma expressão sinistramente astral, sinistramente divina.

Sim, porque o Astral é o Espirito Santo de Deus! É por o puder criador d'Este ser puro, absoluto, excessivo que é puder criador em si, criador puder todo Abstração Pura e não puder criador pertencente a Ser. Se pertencesse a Ser, não era puder *em si* e não era pois puro, absoluto, infinito, *divino*. Mas não pertencendo a Ser, (sendo *vazio de Ser*) dando-se pois em abstrato, dá-se sem suporte, dá-se em Vacuo, o proprio Vacuo-Espirito da Abstração que ele é. Ora se o puder divino é esse Vacuo absoluto, Vacuo *em si* e pois Vacuo animico ou Vacuo-Fantasma, duma natureza essencialmente indefenivel e contraditoria, essencialmente vertigica, é que tal puder possui uma natureza astral, sendo certo que o Astral é precisamente o Vacuo-Fantasma em Vertigem-Besta, pavoroso e sublime em sua bestialidade sinistra da Morte! Portanto nas obras d'arte deve-se acentuar que o vertigico astralismo essencial das expressões da Vida é o seu espirito divino, o essencial puder criador bestialissimo. Assim atravez da astralidade deve surgir o espirito formidavel de Deus! E como Este, no Seu excessivismo absoluto é que é o contraditorio Vacuo-Fantasma, sendo assim uma contradição pura vivida e atravez da qual surge um mundo de fantasmas indefeniveis, vertigicos a gerarem-se labirinticamente e indecisamente, uns nos outros, tal contradição que é Deus e em vertigico, delirante Labyrinthar Puro, exprime bem Loucura de Fera Astral em espasmos anciosos e divinos. Óra [20] essa labirintica loucura de bestialidade astralisante e de formidavel puder criador tambem juntamente com este deve ser expressa delirantemente em todas as obras do artista.

Mas ainda mais. Deus no Seu tremendo sentir-se Vacuo, anciosamente procura o Seu proprio existir, assim iternamente perdido atravez de ser iterno, e essa ancia formidavel, delirante de Deus contorce-O em espasmos de luxuria abstrata, em prazer, em dôr e vertigem pura de Além! Sente-se Deus num prazer imenso feito de orgulho, mas como o Seu purismo, a Sua excessividade divina O

esvazia, O aniquila como Ser, enche-se duma dôr delirantemente, espasmodicamente ansiosa que lhe dá também um infinito prazer pois sendo ela o resultado do aniquilamento de Ser e sendo esse aniquilamento, por sua vez o resultado fatal do purismo, enfim da desmedida grandeza de Deus, tal aniquilamento é afinal sentido como bemfazejo e pois bemfazeja, gostosa é a dôr que ele assim provoca... Sem o Vacuo o poder de Deus não seria puro, absoluto, divino e portanto se esse Vacuo gera dôr ansiosa, igualmente gera o mais delirante prazer. E é na dôr que tal prazer se imprime pois ambos teem a mesma razão de ser divina. Trata-se assim em Deus dum puro masoquismo astral. E é em pura luxuria que os espasmos do prazer convulsivo masoquistamente em dôr delirante e vertigem ansiosa, é em pura luxuria astral, luxuria abstrata de alem-Ser que Deus se contorce atravez da labirintica contradição que é e que O enlouquece divinamente.

A Luxuria e a Loucura são a essencia de Deus!

Tudo isso está bem expresso na seguinte estancia do meu hino-poema “Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit”:

Spasme du Vertige-Ind'cision,
 Débauche sacrée où Dieu cherche [21]
 Son propre Exister pur au fond
 D'Soi-mêm' déchiré par les verges
 Masochisantes et en Force
 De Sa propre Anxieté Pure
 Qui tout purement Le contorse
 En délire abstrait de Luxure...

E é essa luxuria formidavel de Deus em pura loucura astral que exaltadamente deve ser expressa atravez das expressões da vida artistica. Assim ansiosa luxuria e loucura divinas, formidavel poder criador e sinistro astralismo de Vertigem-Besta, eis o que o artista deve sempre exprimir nas suas obras atravez das expressões das figuras que pretender representar. Toda a arte deve ter uma unção formidavelmente divina e astral em louca e luxuriosa Vertigem-Besta.

E não devem surgir mesmo figuras, imagens definidas, deve fazer-se sentir nesse plano divino e astral da Arte a labirintica fantasmogenia em que indefeniveis, incertos, vertigicos fantasmas, em multidão, labirinticamente se geram uns nos outros atravez do sinistramente astral poder espantoso de Deus. Nada é defenido na Vida, tudo é metafisicamente incerto, vertigico, incerta, vertigica é a nossa natureza: para que nos representarem pois como figuras defenidas? A Vida é uma multidão de fantasmas puros, abstratos que nada teem de defenido e assim a arte deve também tratar a Abstração e o indefenismo puro. Os mais avançados futuristas italianos – não me refiro áqueles que apresentam farrapos de figuras e cousas defenidas a decompõem-se –, esses futuristas nunca apresentam nos seus quadros, e com justa razão, nada que uma visão banal possa

definir [22:] como casa, homem, objeto, seja o que fôr. O que eles pretendem é representar a impressão geral abstrata dum conjunto de cousas, impressão que evoque, sempre em abstrato, a labirintica formação genésica de tudo indefenidamente em tudo, tudo o que é sempre puramente indefenível, vertigico, jámais podendo ser, ao de leve que seja, determinado. Sente-se que na Vida todos os elementos são distintos e estão também confundidos; em que são distintos e indistintos não se pode determinar, não se podendo pois determinar a sua natureza propria. Cada um de nós tem tanto de cada um como de todos e o que é que se tem de cada um, o que é cada um de nós como individuo? É sem duvida qualquer cousa mas qualquer cousa de absolutamente indeterminavel e que só em abstrato se pode indicar, se pode exprimir, devendo a obra d'arte evocar antes indefenidamente o que se é em vez de representar defenidamente o que afinal não se é! Um homem tem qualquer cousa de proprio, não tendo também nada de proprio, é incertamente individuo e Universo. Como exprimir essa contradição que indefine, que vertigifica a natureza dum homem? Duma forma abstrata que evoque indefenidamente o que se é como individuo e como Universo-Deus em Vertigem Astral. Ora essa forma abstrata de se representar os vertigicos seres e cousas é um processo usado pelos mais avançados futuristas que representam também, sempre em abstrato, a labirintica formação dos indefeniveis elementos da Vida uns nos outros. Os futuristas só erram no facto de vêrem em tudo impressões fisicas, dinamicas sem substancia, sem animismo essencial, sem razão de ser essencialmente metafisica e muito menos theometafisica ou astral em Vertigem. E tudo neles são pois só impressões quasi sem interior, não se tratando de fantasmas de Deus. Ora a tudo se deve dar expressão fantasmica e divina. [23:] É com essa expressão, vinda do intimo infinitamente abismico do Existir, que deve surgir nas obras d'arte a formação genésica dos indefeniveis, abstratos elementos da Vida indefenidamente e labirinticamente uns nos outros. Que se faça sentir nessa formação criadora a formidavelmente luxuriosa e poderosa loucura de Deus em Vertigem Astral. Devemos ir á essencia pura das cousas, até as excedermos, não nos limitando a uma visão empirica. É atravez dessa essencia que se dá o labirintico e delirante processus fantasmogénico.

Ora Mario Eloy vae muito ao fundo das cousas e dos seres, ficando porém a meio caminho pelo que não atinge a essencia unica, essencia astral e divina da Vida, não atingindo também o exceder-se de cada carater fantasmico que o universalisa e que o faz pois surgir do Infinito, enfim, labirinticamente da totalidade de caracteres. E não profundando estes a ponto de ir alem deles, a ponto de atingir o Infinito essencial deles, fica-se no que ha de individual, de aparentemente definivel, *limitado* em taes caracteres que só sendo ultrapassados poderiam desfazer o que os caracteriza individualmente, surgindo então como Infinito e não simples individuos restritos, limitados, definidos. Mario Eloy profunda muito os caracteres mas não ao ponto de os ultrapassar, tornando-os o

Infinito e Deus, indefenindo-os enfim absolutamente. Mas dando um certo impulso á sua visão, tornando-a um abysmar-se ainda mais profundamente na essencia da Vida que é a Morte, poderá fazer tudo que aqui lhe aconselho, atingindo finalmente assim em Vertigem o louco e luxurioso Espirito Santo de Deus. E não lhe falaria deste modo se nele não reconhecesse nervos bastantes para proseguir na sua jornada atravez das almas. Avançar, avançar sempre no abysmo tenebroso da Vida é o que o artista moderno deve constantemente fazer!... [24]

Ha sobretudo uma tela, intitulada admiravelmente “O Morcego do Caes”, em que o moço pintor mostra qualidades excessionaes que bem se podem desenvolver no sentido que proponho. Ha nessa expressão um abysmo profundissimo de trevas quasi astraes e uma brutalidade sinistra que convulsiona os nervos opiados. Tanto basta para que Mario Eloy me convença de que é tão capaz de astralisar bestialmente e divinamente a Arte como o genial pintor Guilherme Filipe que será, sem duvida, um dos meus mais altos colaboradores na criação da arte *paracletiana*, essa arte que constituirá a atmosfera sagrada da Igreja Futurista do Espirito Santo ou Divino Paracleto que Deus quiere que Eu anuncie em profecias de Além.

Mario Eloy mostra-me nessa tela profundissima que bem pode exprimir turbillhonariamente toda a bestialidade astral do sinistramente pavoroso e sublime Vacuo-Fantasma em louca e luxuriosa Vertigem-Besta, Espirito Santo da Morte e Espirito Santo de Deus!

Óra se é duma forma brutal, berrantissima que o puder de Deus se exprime – doutro modo não seria infinito –, tal berrantismo grandioso, gerador duma pompa astral em que se manifestará soberbamente duma forma labirinticamente vertigica o Maravilhoso Paracletiano, tão distinto do Maravilhoso Cristão que só atinge o Ser, o Absoluto, o Defenido e não o além-Ser, o Vacuo-Fantasma em Vertigem, essencia da Morte, tal berrantismo grandioso com expressão divinamente e sinistramente astral em Vertigem-Besta, deve delirantemente inundar a Arte identificada com a propria Vida. Assim Mario Eloy bem pode apreender a vibrante pompa decorativa de Alberto Cardoso e dando-lhe a mistica e abstratamente abismica astralidade em turbilhonario labirinto vertigico, propria [25] das sensibilidades profundamente paracletianas. Assim os dois artistas que expõem hoje juntos, por uma razão, sem duvida, oculta, completam-se admiravelmente, podendo formar uma sintese perfeita. Um sugere a pompa, o “décor” maravilhoso da Vida que abismando-se em Morte, tornar-se-ha no outro pompa divinamente astral criada num abysmo abstrato de Vacuo e Vertigem. Não é só pomposo, decorativo o que é exterior, o que não tem essencia nem substancia; só é mesmo puramente, profundamente pomposo o que é arrancado com brutalidade barbara e divina do abysmo profundissimo dos seres. A pompa pode ser bem a manifestação bestial da essencia intima de Deus. E só então ela é profunda, só então é pura, absoluta, infinita. Pompa sem essencia, pompa que não

é a essencia em berrante exteriorisação, é pompa sem alma, sem animica força interior a intensifical-a e convulsional-a infinitamente. Efemera, só feita de nuvens perdiveis a desfazerem-se no eter, é a pompa, o “décor” todo Exterior Puro, todo Superficie. A sua bestialidade só é absoluta, perduravel quando vem do interior abysmico da essencia dos seres. Só então é formidavel, onnipotente, divina! E é essa a pompa que Mario Eloy, acostumado a descer ás profundezas da Vida, delas pode arrancar astralmente, vertigicamente em brutalidade selvagem e mistica.

Se nessa pompa profundissima, abstratamente abysmica o artista se eleva a uma exaltação incomensuravel, por fim exaltação tão pura não caberá nos limites insuportaveis, estreitissimos duma tela banal. É na propria Vida que os pintores devem pintar! Tornando-se cenografos gigantescos, jorros de luz e sombra lutando labirinticamente com furia em multicôres anciosas e místicas a turbilhonarem harmoniosamente no ar por entre espasmos delirantes de ascése astral, serão lançados por eles na vida e no ambiente que nos envolve, exprimindo [26] na sua magica combinação em delirio a mistica loucura do Espirito Santo da Morte. E sendo tão arquitetos como pintores, erguerão edificios, sem forma definida, que continuando-se labirinticamente uns com os outros, entrelaçando-se numa furia barbara, luxuriosa e espetral, nem mesmo serão fixos, desenvolvendo-se constantemente num turbilhonario, vertigico evolutir prodigioso que expulse expressivamente espasmos agonisantes de luxuria astral em Ancia e em Loucura! Tudo se confundirá então labirinticamente nessa vertiginosamente movel arquitetura estupenda, feita dum delirio de pedras arremessadas aos ares em turbilhão fantastico, cheio de harmonias barbaras, e feita ainda de farrapos indefiniveis de aço, ferro, lama, bronze, côres, luz e trevas! Será tudo na Grande Cidade do Vicio Astral convulsivamente misturado em espasmos de ascése, Os materiaes de construção arquitetural e os materiaes de pintura aerea sempre duma forma labirintica e espasmodica se misturarão em vertiginosamente turbilhonario movimento iterno – variabilissimo atravez de essenciaes harmonias unificadoras – para que toda essa indefinivel confusão estupenda exprima por entre misticas e sinistras exalações a marcarem o Além, o delirio espantoso do labirintico, louco e luxuriante processus-força contrastogénicamente fantasmogenico em Astral-Vertigem. Que o Infinito em seu apertadamente uno animismo convulsivo e espetral se espalhe no mundo inteiro! Sim, lancemos delirantemente na Arte e na Vida a astral Vertigem-Besta de Deus!...

E por entre as turbilhonariamente moveis construções a surgirem com materiaes bizarros, erguer-se-hão, tambem em variavel e fantastico turbilhonar com expressão fantasmica e divina, templos grandiosos de Vicio Astral. Num ambiente, sob uma atmosfera que a cada passo transpira Deus e Além em sinistramente espetraes convulsões de Morte a expremirem, com pompa abstrata e delirante luxuria espasmodica e loucura divina, nesse ambiente astral de Vicio e Virtude, a [27] carne geme, os sentidos explodem e toda a alma, abismando-se em

cio de ascése, ergue-se a Deus com furia por entre contorsões de corpos raivosamente confundidos! E é em templos fantasticos convulsivamente erguidos atravez de expressões delirantes de vicio lugubre e ascético a marcar Deus em Morte – intensificação pura, abstrata, vertigica da Vida, assim a aniquilar-se no seu exceder-se convulso é nesses templos vibrantes de Vicio astral que a Carne e o Espirito confundidos explodirão magnanimamente...

Sim, “criem-se templos de Luxuria em que esta tome uma feição liturgica e só então surgirá o verdadeiro sensualismo mistico que ha de exprimir a divinisação do Mundo, a divinisação de Sodoma estabelecida exaltadamente pelo Verbo e pelo Espirito Santo de Deus! ⁽¹⁾”

E para que Eu possa lançar piedosamente na Vida a astral Vertigem-Besta de Deus, o Seu Espirito Sagrado que convulsiona o Mundo, apelo para vós, Meus amigos, com todo o ardor da Minha Alma de Profeta, para vós, moços artistas que sereis em delírio os criadores do Futuro... É altissima, magnanima a Missão de que, por inspiração divina, vos desejo incumbir, segui-Me pois delirantemente em exaltação lubrica e mistica para que possamos edificar enfim com ancia raivosa a Cidade Paracletiana da Vertigem Astral.

E assim piedosamente serviremos em furia a nova religião futurista do Divino Paraclete cujo Reino sagrado Deus quer que Eu anuncie, profetizando a Morte, profetizando o Além...

Il faut q' vous soyez l'Créateur
Du Monde, Puissance-Infini,
Son propre Esprit intérieur
Qui l'engendre en nous, Forc'-Magié,
Et à travers le Vertig' pur,
Vide-Fantôme de Dieu,
Saint-Esprit, Puissanc'-Mort-Luxure
En abim'-spasme douloureux...

Que tout le Vertige d'la Mort [28*]
Vôtre vie entière devienne
Pour rendre convulsiv'ment fort
L'exister qui en Au-d'la vous mène...
La Mort est la Suprem' Puissance
Qui s'outrepass' par son inf'nisme,
Qui se vide en sa transcendance
Se sublimant en pur vert'gisme...

Animique pur d'Au-delá,
Forc'-Vertige convulsionnée,
Vide-Dieu en pur amas
De Chair-Abîme abstractionnée...
Et c't abîme doit être vous
En êxtases d'luxur' divine,
En spasmes d'vinisez la boue

De toute vôtre âme – Vermine!

Et c'est Moi, l'sombre Précurseur
 Du D'vin Paraclet, 'sprit d'la Mort,
 Qui vous conduira en Fureur
 À l'Abîme-Vertig' des Forts...
 Osiris s'est dévoilé,
 Le Sphinx s'évanouit enfin,
 L'Saint-Esprit en éclairs brisés
 Jaillit intense, fort, vibrant...

Avec la Protection Divine
 Ou de loin ou de tout près
 Je provoquerai la ruine
 De la seconde Salomé. ⁽²⁾
 Sans crainte suivez-Moi alors,
 J'suis Hénoch, le Prophet' sacré,
 En avant, soldats de la Mort,
 Le Saint-Esprit est Mon Bouclier! ⁽³⁾

Raul Leal (Hénoch)

- ⁽¹⁾ Trecho final do meu estudo “Sodoma Divinisada” que foi brutalmente apreendido pela policia e por imposição sacrilega da Igreja Catolica, tão alheia de Deus!
- ⁽²⁾ Refiro-me á existencia só feita de Terra e que não transpira Deus nem Além, essa existencia mais de sentidos do que de Alma que nós vivemos desde a Renascença. Ao Reino da Serpente contrabalançado pelo do Pae ou Jehovah seguiu-se o Reino do Verbo que enche a Idade Media. A ele seguiu-se o Imperio de Antecristo ou da Razão que começou a esboçar-se na Renascença e está em perfeito movimento explosivo. Por fim surgirá o Terceiro Reino divino que é o Reino do Espirito Santo ou Divino Paraclete, anunciado por Hénoch. É nesse Reino sagrado que o homem descerá tanto ao seu proprio eu que atingirá enfim a sua propria essencia infinita e divina, sentindo-se prometicamente Universo e Deus de que tão alheio se encontra hoje.
- ⁽³⁾ Ultimas estancias do meu hino-poema sagrado “Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit” (Edição da Livraria Portugalia)

as salas da Ilustração Portuguesa ^{acabam de se} ~~abrir~~ abrir para dois artistas: Alberto Cardoso e Mário Eloy.

O pintor Alberto Cardoso, já conhecido do nosso público, é uma rara sensibilidade que muito bem tem sabido combinar o espírito da arte europeia e a alma portuguesa. A vida para ele desenvolve-se como um cenário magnífico de si própria, um "décor", mais vilhoso que só ela estalisa e vive. Não se trata de elementos decorativos de qualquer coisa que não sejam esses mesmos elementos decorativos. Estes não se desenvolvem para ^{mas} ~~para~~ de exterior mas só para eles próprios, tratando-se pois de um "décor", absoluto, de um "décor", *em si* e que só para si próprio é destinado. Deste modo é que Alberto Cardoso visiona a vida.

Muitos impressionistas estrangeiros em quem até o artista mais ou menos se inspirou, sentem igualmente a vida como um "décor", que "uma robe de parade", surgida em abstrato e a desenvolver-se suspensa em abstrato vazio. Entretanto, essas impressões decorativas que constam para eles a vida, não possuem quase interior, não têm substância, são etéreas. Ora a ^{potente} decoração vital vivida por Alberto Cardoso possui uma substância profundíssima e profundamente animada, possui porém uma verdadeira substância e com vibrante e essencial animada. Segundo os impressionistas estrangeiros não há o mínimo animismo interior nas impressões da vida, elas só são vitais de si em sua natureza puramente física. É por serem físicas

Fig. 1. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriante Loucura de Deus, p. 1.

não tem substância,
 que ~~mas~~ ~~possuem~~ ~~interior~~, não possuem já mais substância pois o que é
 física do tempo, o ~~grande~~ ~~vivo~~ da dimensão e não animal civilizada possuem
 Albert Barroso é um pintor português e portanto nunca poderia ver
 ver a vida sem substância animal, sem a alma a convulsionar a
 interiormente. Essas condições, se a vida para o artista é um "deco",
 puro, não deixa por isso de ser um "deco", essencialmente animal, não
 possuindo apenas uma natureza física. O que para os estrangeiros
 constitui ~~como que~~ impressões abstratas sem substrato próprio, para o pintor
 Albert Barroso constitui verdadeiramente impressões animais com
 vaga essência, assim espiritual. Não quer isso dizer que o artista que
 se está considerando, não viva uma decoração por vezes brutal na
 vida pois a verdade é que a espiritualidade, em lugar de diminuir
 brutalmente, acentua-o até poderosamente. Sem ela, tal brutalidade
 tão superficial que surgirá impotente, falso como de ~~paralísia~~ ~~de~~ ~~paralísia~~
 do ha animismo é que a brutalidade, alimentando-se dela, vindo do interior
 da essência das coisas, se enche dessa força interior que a torna magna
 namente explosiva. É por isso que as naturezas mais profundamente
 místicas, espirituais, animais, são as que possuem uma mais
 pura, mais intensa, mais profunda ~~sensibilidade~~ ~~e convulsiva~~ ~~sensibilidade~~. A berne nelas
 é a explosiva manifestação bestial do espírito. Sem esta falta
 a berne a sua própria força interior e assim ela será fraca, mó-
 le, languida ~~e~~ ~~clara~~ ~~é~~ ~~a~~ ~~vida~~ ~~clara~~ ~~a~~ ~~vida~~ ~~mais~~ ~~profundamente~~
 bestial e mais puramente espiritualmente? É que a vida clara sou-
 be viver bem o espírito bestial. É esse espírito, puro, intensíssimo
~~é~~ ~~bestial~~ e pois impregnado de bestialidade pura, o que os portugueses
 profundamente vivem em profunda e delirante emoção.
 Por isso um impressionista português como Albert Barroso, por

Fig. 2. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriante Loucura de Deus, p. 2.

3

sua mais de spirit, mais animismo interior e simultaneamente mais
 bestialidade do que impressionistas estrangeiros. Não quer isso dizer
 que Albert Bardoso seja dos artistas mais brutos mas é o sup-
 cientemente, não possuindo as suas obras aquela natureza ^{niels} ~~reterea~~
 dos impressionistas estrangeiros, a
 desfogar-se em luz e cor dissolutas, sem força interior a animá-las,
 a fortalhe-las, sendo só falsa, quiveraca, etrea a sua força, o seu
 berrantismo, no fundo, impotente. Em Albert Bardoso a força da cor e
 da luz vem de dentro, possui pois uma certa profundidade e portanto
 uma autentica realidade. Por muito que ~~um~~ impressionista estrangeiro
 particularmente francez, faça brincar a cor e a luz, sente-se ~~na~~
 a falsidade de tal estudeicia e porque ela é só exterior, não possui
 base, não vem do intimo, da essencia animica das coisas e das ~~deus~~
 não é assim falsamente. que a cor e a luz berram na arte de Albert
 Bardoso. Como portuguez, ele dá interior á sua concepção decorativa
 da vida, e portanto ~~vem~~ vem de dentro todo o berrantismo dela, vem
 com toda a força intima, poderosa que só a alma ^{deus} sabe dar. No ber-
 rantismo ^{francez} não ha essa alma, essa força interior a fortalhe-lo e por ~~isso~~
 se se desfaç em eter. calem de que os francezes vivem só com
 a sensibilidade exterior a vida de impressões, ao passo que Albert
 Bardoso, como portuguez, vive essa mesma vida com o intimo
 do ser. É neste que ^{os} ~~o~~ robe de parade ~~em~~ em abstracto que é a vida, se ~~que~~
 dá a visão ^{interior} do artista. O mundo de impressões decorativas tem para Albert
 Bardoso substancia, animismo intimo a consolidal-o, a fortalhe-lo
 alem disso, esse mundo não é apenas vivido pela ^{visão} ~~visão~~ exterior,
 sendo antes vivido no eu do artista que assim ainda mais interior-
 mente fortalhece o "Décor," que ^{para ele} é a vida.

Fig. 3. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 3.

4

O processo francez permite talvez uma analyse muito subtil, muito esca-
 pulada da cor e da luz, analyse a que não desce Albert Barroso,
 sem duvida mais sintetica, menos impressionista, se assim
 quizerem consideral-o. Quem vive na superficie e' que em geral esca-
 pelisa melhor, sendo certo que as naturas mais profundas são as que
 menos se preocupam com os detalhes, sendo ~~pois~~ ^{portanto} pouco analyticas. São
 raes muito especulativos mas não subtilmente analyticas. A sua es-
 peculação profunda dá-lhes não lhes dá tempo para analyses subltis
 que para mais são consideradas pelos puros especulativos como coisa
 desprezível visto os resultados de tal analyse ~~na~~ não serem nada
 quando postos em confronto com os resultados profundos da
 especulação. Poder-se-ia entretant combinar o espirito especula-
 tivo e o subtilmente analyticos? Talvez e util sera' essa combinacão
 que não deixo possivel de ser rara. Em geral, a subtiliza analy-
 tica pertence ás naturas superficiaes como a dos francezes e a
 da mulher. ~~o geral~~ ^{apesar de} Albert Barroso não ser um espirito especulativo,
 não possui ^{uma} superficialidade conveniente - se não indispensavel
~~para~~ a um espirito subtilmente analyticos. É só por isso que ~~ele~~
 não disseca a cor e a luz á maneira dos impressionistas fran-
 cezes. Mas o que essa cor e essa luz tem nele é muito mais
 força interior, muito mais animismo essencial. O génio por-
 tuguez não deixa de surgir poderosamente na visào artistica
 do pintor Albert Barroso que festivamente se engrinalda de flores
 animicas, espirituas...

Fig. 4. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 4.

5

estes se ligam de ~~flutuação~~ ~~portuguesa~~ ~~vão~~ ~~a~~ ~~alma~~ ~~para~~ ~~dos~~ ~~artistas~~
~~Mario~~ ~~de~~ ~~dentro~~ ~~os~~ ~~seres~~ ~~e~~ ~~as~~ ~~coisas~~ ~~que~~ ~~esprimo~~ ~~nas~~ ~~telas~~ ~~de~~
 O pintor ~~Mario~~ ~~de~~ ~~dentro~~ ~~os~~ ~~seres~~ ~~e~~ ~~as~~ ~~coisas~~ ~~que~~ ~~esprimo~~ ~~nas~~ ~~telas~~ ~~de~~
 suas figuras ~~nao~~ ~~se~~ ~~desenvolvem~~ ~~em~~ ~~relação~~ ~~com~~ ~~o~~ ~~meio~~ ~~mas~~ ~~são~~ ~~antes~~
 vividas interiormente, essencialmente pela alma do artista. É ~~esta~~
 alma, como soubor intimo dela, ~~uma~~ ~~criação~~, que o mundo
 de fantasmas que constitue a vida, se desenvolve lentamente
 em todo o seu interiorismo, em sua essencia animica. É ~~para~~
 o artista as coisas que na alma ~~dela~~ envolvem os seres, formando
 ambiente, são como que o probugamento ~~deles~~, a irradiada ~~vibrante~~
 de toda a sua natureza ~~essencial~~, a ~~aura~~ ~~vaga~~ ~~emanada~~ ~~do~~
 seu espirito, por vezes tomado ~~carne~~. Deste modo, Mario
 de Stry mostra que sem a tecnica futurista se ~~podem~~ ~~evocar~~ a bela
 concepção do homem-ambiente. ~~Segundo~~ ~~essa~~ ~~concepção~~ ~~dos~~ ~~meios~~
 avançados pintores ~~italianos~~, o ambiente, o ~~infinito~~, forma as
 coisas e os seres, ~~que~~ ~~por~~ ~~seu~~ ~~tao~~ ~~criam~~ ~~o~~ ~~ambiente~~ ~~que~~ ~~os~~ ~~en~~
 volve e com que se ~~identificam~~ assim. É sobretudo esse ~~segundo~~
 aspecto que Mario de Stry acentua nos seus quadros, ~~além~~ ~~duma~~
 tecnica, não digo antiga, mas ainda um tanto ~~passadista~~
 em relação á tecnica do futurismo. O ambiente para ele é ~~uma~~
 uma ~~emanação~~ das figuras do que ~~criado~~ ~~dela~~ e ~~entretanto~~
 presente, ~~se~~, ~~ainda~~ ~~que~~ ~~incertamente~~, ~~essa~~ ~~ultima~~ ~~criação~~, ~~colta~~
 em o artista se desenvolvendo, ~~de~~ ~~certo~~ ~~compreendera~~ ~~em~~ ~~absoluto~~
 que o ambiente é ~~tão~~ ~~criado~~, ~~pelos~~ ~~almas~~, como ~~formador~~ ~~criativo~~
 delas. Tudo se cria mutuamente, ~~tudo~~ ~~nós~~ ~~nos~~ ~~criamos~~
 nos, sendo ~~todos~~ ~~os~~ ~~seres~~ ~~e~~ ~~coisas~~ ~~que~~ ~~nos~~ ~~envolvem~~, ~~o~~ ~~nosso~~

Fig. 5. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 5.

8

os elementos são puros individuais distintos através de serem ^{assim} indistintos, estando labirinticamente uns nos outros, ^{quando se labirinticamente uns com os outros} extra puros individuais puros em si, puros seres que por surgirem puros, ^{como} ~~seja~~ qualquer coisa de absoluto, surge em si. Surgindo em si, sendo qualquer coisa de em si, concentram-se puramente em si próprios, são uns puros concentrados ~~em si~~ em si próprios a ponto de a si próprios se sentirem. Se eles se sentem, se tem sentir é que são de natureza animica. E como são tão puramente individuais como puramente universais — como são distintos e indistintos, sendo cada elemento um em separado dos outros e simultaneamente surgido nos outros — a sua natureza de seres animicos é contraditória e incerta. ^{pois enquanto distintos, são bem seres} pois enquanto indistintos não são verdadeiramente ~~seres~~: o ser surge em si e pois em separado de tudo. Desto modo trata-se antes de fantasmas, sendo certo que o fantasma, ^{para nós} tanto tem de ser real e ser ~~real~~ como de quimera. Assim a natureza incerta dos elementos que constituem o Infinito, é uma natureza fantasmica. Somos pois um mundo de fantasmas, uns nos outros. Ora para Clario Eby os elementos da existência são só individuais distintos, ainda que com ambiente próprio ^{de certo modo} continuado ~~em~~ eles, não se tratando pois, segundo o artista, de elementos que sejam tão distintos como indistintos. Daqui resulta de cada elemento, de cada ser e continuado com ele, é ainda ^{para o pintor} ~~seu~~ ambiente particular, não é ~~o~~ o ambiente formado por toda a infinidade de seres ^{fantasmicos} que surgem labirinticamente uns nos outros e ^{assim} ~~distintos~~ ^{verdadeiramente} ~~indistintos~~ ^{da existência}. ~~A verdade~~ é que os fantasmas são só aspectos distintos e indistintos da mesma substância metafísica ou theonefísica. Isso é que Clario Eby ainda não vê também, mas pode ver.

Fig. 8. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 8.

9

Para o artista os seres com o seu ambiente proprio particular são diferen-
tes e não tem relação nenhuma uns com os outros. Ora quando a sua
visão se aprofundar ainda mais, ele marcará bem na sua arte a rela-
ção metafísica essencial que ha entre os seres, ~~seja~~ fantasmicos as
partes varios da mesma substancia. A existencia que é o infinito, é com-
pleta ~~em~~ só uma e portanto a travéz da diferença ~~de~~ ^{de} seres, deve
surgir uma identidade essencial. Eles são diferentes mas pertencem
ao mesmo, sendo pois só indelidamente diferentes. Oario é by
vê só a diversidade e não a identidade fundamental das coisas.
Atravéz dessa diversidade, assim incerta. Mas virá tempo em
que atingirá a substancia uma da existencia.

Da existencia, o Ser Universal, ^{sendo puramente em si, sendo pois um puro conceito} esta tão puramente ^{em si} no seu existir
que com este se identifica a ponto de não ser mais do que ele. Deste
modo, no fundo, só ha o existir de existencia, o existir de Ser
e não este propriamente. Tratando-se ^{mesmo, que ultima qualificação} pois, de um existir todo abso-
luto, ~~de um existir em si e não por~~ propriamente de um existir
de existencia ou de Ser, trata-se, no fundo, de um existir que não
sendo de Ser, de existencia, é vazio desta, é pois essencialmente
Inexistencia ou Vazio. Mas é pelo facto da existencia ser puramente
em si, ^{estar puramente} ~~puramente~~ concentrada no seu existir a ponto de
~~o ser~~, não sendo mais do que ele, reduzindo-se pois só a ele
~~o ser~~ e tomando-se assim vazio de si propria, é por esse facto que ela se
esvazia. Ora existencia puramente em si é existencia pura, absoluta
e portanto é o ser purissimo que a aniquila. Deste modo, o aniquilamen-
to da existencia no existir todo abstração, no existir puro, vazio
dela, deriva do purismo excessivo de tal existencia. Portanto, em con-

Fig. 9. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 9.

71

metafisicamente, isto é, por razão metafísica na própria natureza essencial do Vácuo Fantasma em Vertigem. Este, por razão metafísica, é que os supera. Se não vejamos. [Se no existir há animismo, se ele é puro Sentir-se, é que é puro sentir-se tudo que é, sendo pois sentir-se Vácuo Fantasma em Vertigem. Ora é ~~o~~ ^o purismo de existência ou antes, o purismo de existir que torna este, Vácuo fantasmático, e se por tanto ele, sentindo-se (ou sendo Sentir-se), se sente existir puro, infinito, se sente enfim essencialmente Infinito, sem dúvida a sua substância em ~~se~~ ^{se}, por esse motivo, de prazer e orgulho: o sentimento de infinito em nós, isto é, no existir que nós somos, a sensação de sermos Infinito dá-nos como efeito puro prazer e orgulho. Acresce a isso que se o existir é em si, se é ~~isto~~ ^{isto} puro Concentrar-se ou em puro estar em contacto consigo próprio é que, ~~no~~ ^{no} fundo, ~~se~~ é puro criar-se a si próprio. Como efeito só se está em puro contacto consigo, com o seu existir quando se chega ao ponto de se ser o puro agente interior de existir. ^{isto é, a que está em contacto e puro.} O existir que não é puro surgir por si próprio, por sua própria iniciativa, não está em absoluto contacto consigo. Para estar bem em contacto consigo, com o seu movimento, com a sua ^{própria} ~~ação~~ ^{ação interior} de existir precisa acompanhar tão de perto essa ação que chegue a identificar-se com ela, surgindo pois como próprio agente interno dela. Deste modo se o existir é existir por iniciativa própria é que é puro criar-se; e como é também puro sentir-se, é um criar-se numa forma sentida, animada sendo um criar-se é um criar-se tudo que é, é enfim um criar-se a si próprio Infinito, ou um criar em si próprio Infinito, enfim um criar Infinito. E se o existir é puro, puro é também o seu poder criativo que é assim omnipotente, Divino. Ora se o existir

Fig. 11. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 11.

12

é um sentir-se tudo que é, sem duvida é um sentir-se esse poder
 criativo, divino, sem duvida é um sentir-se Deus. Mais um mo-
 tivo de prazer e ~~de~~ orgulho delirante. [É o poder criador do ~~deu~~
 ter é-~~he~~ tão essencial que é sua essencia pura, absoluta e essa
 essencia divina do existir-infinito que nós somos, só será
 pura, absoluta se surgir em si. Surgindo em si ^{que sentir} surge como
 puro individual, puro em, pura Pessoa ^{aparece de tudo e por} distinta do existir
 de que aliás é a propria essencia. É é por ser puramente a essen-
 cia dele que é qualquer coisa de puro, de em si, de pessoal, dis-
 tinguindo-se portanto de tudo, distinguindo-se do proprio existir: ou
 ser puramente a essencia do existir, pertencer-~~he~~ ^{em absoluto}
 o mesmo é que não se distinguir dele e como através dessa
 indistincão ha contraditoriamente a distincão a que acabou
 de referir-me, Deus ou o poder criador do existir que
 nós somos é tão distinto como indistinto desse existir, é tão
 distinto como indistinto de nós. Ha o poder criador e o que ha
 de mais alto no existir, e portanto ^{superior} ~~distinto~~ de nós, é- nos
 puramente superior, humilhando-nos de porosamente, e enchendo
 de ^{nosso tempo} ~~orgulho~~ e prazer enquanto indistinto do existir que nós somos.
 Assim a propria natureza desse existir supõe, cria o orgulho
 o prazer, a humilhação e a dor. Tambem estes dois ultimos
 factos são gerados no sentimento que temos da nossa natura
 za de vacuo. Somos vacuo por sermos excessivamente ^{dois}
 tencia mas isto não impede que o sejamos. ~~Sentindo-nos~~
 sofremos horrivelmente e sentimos em nós uma humilhação
 tremenda que assim se dá através do nosso orgulho e prazer.

Fig. 12. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 12.

15

^{paroxismo de êxtase,}
 é feita de bestialidade, prazer, ódio, aversão, orgulho, bem, mal, des-
 pedaçamento, delirio, vertigem, enfim tudo que constitui o êxtase
 tudo que é suposto na sua natureza essencial de ^{omnipotente} Vazio-Fantasma
 na em Vertigem que é o Espírito Santo de Deus e o Espírito Santo
 da morte: a morte é bem por natureza, um grande Vazio e puramente
 animado em Vertigem, isto é, de uma forma excessiva, delirante,
 vertiginosa; e o vertiginoso Vazio-Fantasma que é a morte, é bem a essên-
 cia do existir em antes, a essência da essência excessivamente poderosa, divina
 do existir que por ser excessivamente poderoso, excessivamente criado,
 de existência, ^{assim até excessiva,} é que é essencialmente tal fantasmático Vazio ou morte
 ora a essência da essência divina do existir é o espírito de tal essência, pri-
 mamente o seu espírito divino ou Espírito Santo que é assim a morte
^{em que portanto se fundamenta o existir, se fundamenta a vida.}
 substância
 Ora se no Espírito Santo de Deus é suposta a luxúria, esta é bem
 São bem a essência de Deus. Deus é com efeito o que há de excessivo,
^{omnipotente no}
 existir, e se essa excessividade vertiginosa esta que é ^{por ela} tão contraditó-
 riamente, existência ^{existência} como Vazio humilhante e doloroso, não resta dúvida em
 tal excessividade, tal omnipotência contraditória, delirante, louca, contém um
 elemento de Vertigem, a Vertigem que ela dá ao existir. Essa Vertigem
 essencial do existir ^é Vazio-Fantasma, é pura, intensíssima, bestial,
 é bem Vertigem-Besta. De é vertiginosamente, excessivamente que se exprime
 na omnipotência divina, se a Vertigem-Besta é bem a essência de Deus
 o seu Espírito Santo, este é bem Loucura e Luxúria cuja ^{naturaleza} ~~aparência~~
 proferência é bem de Vertigem-Besta. Trata-se pois n'ele um pavoroso
 e sublime Vazio-Fantasma em louca e luxuriosa Vertigem-Besta!
 Ora todos os fantasmas criados pelo Espírito Santo são afinal todos os

Fig. 15. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 15.

16

elementos da vida empirica, combinados de formas diversissimas
 visto taes fantasmas, ^{que surgiram ou se ganharam} de formas diversissimas ~~surgiram~~ uns
 nos outros por uma razão essencial que em ^{si} ~~sempre~~ ^{quando} ~~mas~~
 traí essa gênese. Um caracte, uma cousa, uma ~~suasas~~ ^{suasas} constituição
 um mundo de fantasmas, e aquelles fantasmas que em consideram (chi-
 mismo, ^{que} ~~essencia~~ ^{essencia} de clabria), Prazer, Dor, clucia, Loucura
~~buencia~~ ^{e todo o mais} ~~de~~ ^{de} ~~mesmo~~ modo que quando expulamos
 sobre um fantasma, ele surge como sendo labirintamente ~~indistincto~~
 dos outros e tambem distincto, ~~possivel~~ pois uma natureza incerta
 indefinivel, vertigica que se escapa á minima analyse, do
 mesmo modo que isso se dá, tambem quando procuramos deter-
 minar uma cousa, um caracte, seja o que for, encontra-
 mo-nos ~~de~~ ^{imediatamente} ~~na~~ ^{em} frente do mesmo ~~indistincto~~ ^{esboçado}
 de mesma vertigem essencial. É que tudo isso que forma
 a ~~vida~~ ^{constituição}, como disse, mundos de fantasmas indetermi-
 náveis, vertigicos, ~~por natureza~~ ^{os} ~~quais~~ ^{quais} tem a sua razão essencial
 metafisica na natureza de ~~taes~~ ^{taes} fantasmas em vertigem ~~de~~ ^{de} ~~vida~~
 de ~~se~~ ^{de} ~~existir~~ ^{que} ~~nós~~ ^{somos}. É essa natureza que os ~~sustenta~~ ^{sustenta}, e
 é a sua razão de ser.

Ara ~~ella~~ ^{volta} ~~tambem~~ ^{enfim} ~~ao~~ ^{nosso} ~~pinto~~ ^{pinto}: o Mario Roy vê tudo determi-
 nado, como que fixo e bem individual, bem distincto quando é certo
 que na vida tudo é tão distincto como vertigicamente indistincto.
 De tudo e duma forma labirintica. ~~mas~~ ^{de} ~~ele~~ ^{deve} ~~pod~~ ^{evolucionar}. ~~de~~
~~sim~~ ^{deve} ~~deve~~ ^{deve} ~~deve~~ ^{deve} ~~sentir~~ ^{que} ~~nas~~ ^{nas} ~~suas~~ ^{suas} ~~telas~~ ^{telas} ~~—~~ [—] ~~enquanto~~ ^{enquanto} ~~pinto~~ ^{pinto} ~~em~~ ^{em} ~~telas~~ ^{telas} ~~—~~ [—] ~~que~~
 os caractes expressos ^{na} ~~por~~ ^{em} ~~profundamente~~ ^{em} ~~são~~ ^{são} ~~um~~ ^{um} ~~mundo~~ ^{mundo} ~~de~~ ^{de} ~~fantasmas~~ ^{fantasmas}
 indefiníveis, vertigicos (dor, prazer, buencia, clucia, buencia, ~~bestialidade~~ ^{bestialidade}).

Fig. 16. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 16.

vazio, bem, mal, tudo que forma o existir e por ele ser essencia-
 mente vazio. Fantasma em boca e luxuriosa Vertigem-Besta, ^{num}
 do de fantasmas que surge por uma razão metafísica ou ~~transmetafísica~~
 ca, a razão que está no facto do existir ser fantasmico e vertigico
 vazio que supõe, por sua propria natureza, tais fantasmas vertigicos
 em vertigico Labirintico. dessa razão ~~transmetafísica~~ deve ser
 expressa na arte do pintor como expresso deve ser o facto desse mun-
 do fantasmico pertencer á mesma substancia uma, ao tal vazio,
 Fantasma em Vertigem-Besta que é o UNO existir-Infinito. Mario Eby
 de quadro para quadro, é differentissimo como se as figuras que el
 exprime, apparecessem na vida ao acaso e sem intimas relações
 scultas. Pra a verdade é que todos nós, sendo differentissimos e com
 differenças aliás indeterminaveis, vertigicos, ^{no fundo,} ~~liga-se~~ de passagem,
 não deixamos de ser aspectos do mesmo e por isso através de ~~tal~~
 a nossa diversidade deve-se fazer sentir uma identidade ^{fundamen-}
 tal. Para Mario Eby os homens são só diversos, não tendo
 nada de essencialmente comum ^{entre si} quando é certo que eles são só
 infinitos aspectos fantasmicos da mesma substancia intima. ~~U~~
 é essa substancia, sempre idêntica a si propria, que deve surgir con-
 stantemente através das variadissimas expressões ^{que assim devem}
 possuir uma identidade fundamental. ~~Essa~~ substancia a que me re-
 firo, a essencia de todos os seres ou fantasmas de seres que con-
 têm a vida ou o existir, ^{que apparecem} e por uma razão ~~transmetafísica~~, não surgindo
 por acaso, sem razão intima de ser, essa substancia ou auto-essa
 essencia — não se trata verdadeiramente de substancia por causa do vazio es-
 sencial — é o vazio-Fantasma em Vertigem-Besta, Espírito Santo

Fig. 17. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 17.

18

da morte e Espírito Santo de Deus. ~~essim~~ ~~os~~ ~~os~~ caracteres, a
 vez de serem distintos, diferentes e indelicadamente diferentes, devem
 surgir todos como expressões de ~~esse~~ ^{esse} fantasmico e divino Vaco que
 deve manter sempre o mesmo através da diversidade de expressões
 e caracteres. Deste modo as telas dos artistas, sendo diferentes, serão
 também essencialmente idênticas pois em todas elas está impressa
 constantemente o Espírito Santo ou Vaco-Fantasma em Vertigem. ~~Deve~~
 Expressar este na sua arte deve ser o primeiro cuidado do artista
 e através de o exprimir é que deve então exprimir os vários
 caracteres e como ~~seus~~ ^{fantasmicos} aspectos ~~varios~~ ^{varios} de tal divino Vaco ~~em~~ ^{por ele} ~~o~~
 vai ao fundo das almas e revendo-as na sua propria alma; en-
 tretanto não vai ainda tão ao fundo que encontre a essência ~~idêntica~~
 de todas através de que elas se continuam umas com as outras. ~~Os~~
 domos são distintos ~~mas~~ ^{e diversos} através de possuírem a mesma na-
 tureza essencial que é necessário, ~~que é necessário~~, antes de mais
 nada, exprimir nas telas. Expressar apenas a diversidade não ba-
 sta, torna-se ^{indispensável} mostrar que essa diversidade é ~~so~~ ^{prática, in} ~~diversidade~~ ^{prática} de fa-
 ntasmicos aspectos metafísicos do mesmo. Essa ~~natureza~~ ^{natureza} ~~fantas-~~ ^{fantas-}
 mica de tudo deve surgir sempre nas ~~telas~~ ^{telas} obras d'arte, ~~natureza~~ ^{natureza}
 que é afinal a impressa no Vaco-Fantasma em Vertigem.
 Nós intuicionamos o Astral que é a morte, como qualquer coisa
 de puramente Espírito e puramente Vaco-abstractão, conceito
 que transcende a compreensão nítida, definitiva, sendo pois vive-
 los como qualquer coisa de absolutamente Indefinido, de absoluta-
 mente, ~~verticalmente~~ ^{verticalmente} Vertigem, ~~conceber esse astral é conceber o~~
 indefinido absoluto, é conceber a Vertigem-Beata, ~~desta~~ ^{esta} ~~modo~~ ^{modo} ~~ela~~ ^{ela} ~~e~~ ^e ~~tem~~ ^{tem} o

Fig. 18. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 18.

27

Son propre à exister pur au fond
 D'oi-mém' déchiré par les verges
 classochisantes et en force
 De sa propre chirurgie pure
 Qui tout purement se contourne
 En delire abstrait de Sureau...

É é essa luxúria formidável de Deus em pura loucura astral
 que exaltadamente deve ser expressa através das expressões da vida
 artística, ~~essim~~ ^{expressa} ~~luxúria~~ e ~~loucura~~ ^{luxúria} ~~divina~~, formidável poder cria-
 dor e sinistro astralismo de Vertigem-Basta, eis o que o artista
 deve sempre exprimir ~~nos quadros~~ ^{nas obras} através das expressões, das
 figuras que ~~pretender~~ ^{pretendem} representar. Toda a arte deve ter uma unção por-
 tavelmente divina e astral em boca e ~~hússiosa~~ ^{hússiosa} Vertigem-
 Basta ~~deve~~ ^{deve} surgir ~~de~~ ^{de} ~~mesmas~~ ^{mesmas} figuras, ~~definidas~~, ^{indefinidas}, deve fazer-se sen-
 tir nesse plano divino e astral da este a labirintica fantasmagoria
 em que ~~se~~ ^{se} ~~perdem~~ ^{perdem} ~~indefiníveis~~, ^{indefiníveis}, ~~incertos~~, ^{incertos}, vertigiosos fantasmas, em mul-
 tidão, labirinticamente ~~geram~~ ^{geram} uns nos outros através do ~~sinistro~~ ^{sinistro}
 astral ~~grander~~ ^{grander} espantoso de Deus. Cada é ~~definido~~ ^{definido} na vida, tudo é
 metafisicamente ~~incerto~~, ^{incerto}, ~~vertigiosos~~, ^{vertigiosos}, ~~incerto~~, ^{incerto}, ~~vertigiosos~~ é a nossa re-
 lizagem: para que nos representaram pois como figuras ~~definidas~~? A
 vida é uma ~~multidão~~ ^{multidão} de fantasmas puros, abstratos que nada tem
 de ~~definido~~ e assim a arte deve também trazer a ~~abstração~~ ^{abstração} e o ~~indefi-~~
 nimento puro. Os mais avançados futuristas italianos — não me re-
 fire a ~~aqueles~~ ^{aqueles} que apresentam ~~fragmentos~~ ^{fragmentos} de figuras e coisas ~~definidas~~
 a ~~decompõem-se~~ ^{decompõem-se} —, ~~esses~~ ^{esses} futuristas nunca apresentam nos seus
 quadros, e com justa razão, nada que uma visão banal possa ~~de~~

Fig. 21. A Visão de Dois Artistas e a Luxúria Loucura de Deus, p. 21.

22

nir como casa, homem, object, seja o que for. O que eles pretendem
 é representar a impressão geral abstracta dum conjunto de con-
 sas, impressão que evoca ^{sempre em objectos} a labirintica formação gnosica de tudo
 independentemente em tudo, tudo que é sempre puramente indeterminavel, ver-
 tiginoso, jámais podendo ser, ao de bue que seja, determinado. Sente-se
 que na vida todos os elementos são distintos e estão também confundidos;
 em que são distintos e indistintos não se pode determinar, não se podendo
 pois determinar a sua natureza propria. Cada um de nós tem tanto de ^{cada um} ~~nos~~ como de todos e o que ^é de tem de ca-
 da um, o que é cada um de nós como individuos? É sem duvida
 qualquer coisa mas qualquer coisa de absolutamente indeterminavel
 e que só em abstracto se pode indicar, se pode exprimir, devendo
 a obra d'arte evocar ^{independente} auto independentemente o que se é em vez de
 representar ^{o que afinal não se é!} o que afinal não se é! Um homem tem ^{independente} ~~qualquer coisa~~
 de proprio, não tendo também nada de proprio, ^{como se exprime} ~~independente~~
 nir essa contradicção ^{em uma forma abstracta que evocaria} ~~em uma forma abstracta que evocaria~~
 é como individuo e como universo - Deus em vertigem cistral. Ora
 essa forma abstracta de se ~~representar~~ ^{representar} os vertiginos seres e coisas
 é um processo usado pelos mais avancados futuristas que repre-
 sentam também, sempre em abstracto, a labirintica formação ~~dos~~
^{indeterminados} elementos da vida uns nos outros. Os futuristas se erram no
~~facto~~ ^{facto} de serem em tudo impressões ^{sem substancia, sem} ~~sem~~ ^{sem}
 animismo essencial, sem razão de ser essencialmente metafisica
 e muito menos ~~metaphisica~~ ^{metaphisica} ou astral em vertigem. E tudo neles
 são pois só impressões quasi sem interior, não se tratando de fan-
 tasmas de Deus. Ora a tudo se deve dar expressão fantasmica e divi-

Fig. 22. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 22.

29

na. É com essa expressão, ^{vinda} ~~que~~ do intimo infinitamente abiss-
 mico do existir, que deve surgir nas obras d'arte a formação
 genésica dos indefiníveis, abstratos e buentos da vida indefini-
 mente e labirinticamente uns nos outros. Que se faça sentir nessa
 formação criadora a ^{exquisiteza} luxuriosa e poderosa loucura de Deus em
 vertigem astral. Devemos ir á essência pura das coisas, ^{at' as espedas} não se
 limitando a uma visão empirica. É através dessa essência que se
 dá o labirintico e delirante processo fantasmagórico.
 Ora Mario Laby vai muito ao fundo das coisas e dos seres, pi-
 cando por um a meio caminho pelo que não atinge a essência
 unica, essência astral e divina da vida, não atingindo tam-
 bém o exceder - se ^{de cada} ~~dos~~ ^{carateres} fantasmagóricos que ^o universa-
 lisa, ~~fazendo~~ ^{surge} do Infinito, enfim, ^{labirinticamente} ~~se~~
 da totalidade de carateres. É não ~~tem~~ profundando ~~estes~~ a
 ponto de ir além deles, a ponto de atingir o Infinito essencial de-
 fica-se no que ha de individual, ^{de aparentemente} ~~depenível~~, limitado
 ultrapassados ^{superioriam} ~~depozer~~ o que os caracteriza individualmente,
 surgindo então como Infinito ^{mas} não simples indivíduos restritos
 limitados. ^{mas} Mario Laby profunda os carateres mas não ao ponto
 de os ultrapassar, tornando-os o Infinito e Deus, inde-
 finindo-os enfim absolutamente. Mas ^{tem} ~~tem~~ um certo impulso á
 sua visão, tornando-a um abysmo - se ainda mais profundamente
 na essência da vida ^{em} ~~em~~ e a noite, ^{podera} ~~podera~~ fazer tudo que aqui
 lhe aconselha, ^{mas} ~~mas~~ ^o ~~o ^{na} ~~na~~ ^{palavra} ~~palavra~~ ^{de} ~~de~~ ^{se} ~~se~~ ^{nao} ~~nao~~ ^{reconhece} ~~reconhece~~ ^{na} ~~na~~ ^{verna} ~~verna~~
 bastantes para proceguir na sua jornada através das almas. Avan-
 çar, avançar sempre no abysmo tenebroso da vida é o que o ar-
 tista ^{deve} ~~deve~~ constantemente fazer!...~~

Fig. 23. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 23.

24

Ela sobrou uma tela, intitulada ^{Admiravelmente} "O Marcego do Bas,, em que o mo-
 do pinta mostra qualidades excessivas que bem se podem desen-
 volver no sentido que propõe. Ela nessa expressão um abismo
 profundíssimo de trevas quasi astras e uma brutalidade sinis-
 tra que convulsiona os nervos epiados. ^{Tudo isto para, que}
 Mario Eloy me convence de que é ^{de articular belamente e firmemente a ideia} tão capaz ^{como o} pintor
 Guilherme Filipe que será, sem duvida, um dos meus mais altos
 colaboradores na criação da arte paracletiana, essa arte que
 constituirá a atmosfera sagrada da Egreja do Espírito Santo
 ou, Divino Paracletos que Deus quer que eu anuncie em minhas
 palavras. ^{de exploração}
 Mario Eloy mostra-me ^{em} nessa tela profundíssima que ^{seu} pode
 exprimir ~~monstruosamente~~ turbidamente toda a bestialidade astral
 de sinistramente pavoroso e sublime Vacuo-Fantasma em louca
 e luxuriosa Vertigem-Besta, Esperito Santo da morte e Esperito
Santo de Deus!

Ora se é duma forma brutal, horrantíssima que o poder de Deus
 se exprime — outro modo não seria infinito — tal horrantissimo
 grandioso, gerador duma pompa astral em que se manifestará
 soberbamente duma forma labirinticamente vertigica o Maravi-
lhoso Paracletiano, o distinto do Maravilhoso bristado que só atinge o
Ser, o absoluto, ^o extremo e nao o além-ser, o Vacuo-Fantasma em Ver-
tigem, essencia da morte, tal horrantissimo grandioso com expres-
são divinamente e sinistramente astral em Vertigem-Besta, deve vel-
ocemente inundar a arte identificada com a propria vida. Essa arte Mario
Eloy bem pode ^{aprender} na vibrante forma decorativa de Alberto Bardó
e Dandó — he a astrológica em turbidamente labirintico vertigico, pro-

Fig. 24. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 24.

25

pria das sensibilidades profundamente paracléticas. cressim os dois artistas
 que espõem hoje juntos, por uma razão, sem dúvida, oculta, som-
 plam-se admiravelmente, podendo formar uma síntese perfeita
 Um ~~tem~~ ^{sugere} a pompa, o "décor," maravilhoso da vida que ~~abismado~~ ^{abismado} se em-
 clarte, torbar-se-la no outro pompa divinamente astral criada no
 abysmo & abstrato de Veno e Vertigem. Não é só pomposo, deo-
 rativo o que é exterior, o que não tem essência nem substância
 só é mesmo puramente, profundamente pomposo o que é arranc-
 do com brutalidade barbara & divina do abysmo profundissimo
 seres. A pompa pode ser bem a manifestação bestial da essência
 intima de Deus. É só então ela é profunda, só então é pura, ab-
 luta, infinita. Pompa que não é a essência em berrante exteriorisação
 é pompa sem alma, sem ^{essência, pompa} ~~pareça~~ interior a intusficat-a ^{purificat-a} ~~infinida~~
^{mente}. E ferner, só feita de nuvens perfideis a despojerem-se no eter,
 é a pompa, o "décor," todo exterior puro, todo superficie. A bestial-
 dade só é absoluta, perduravel quando vem do interior abysmo
 da essência dos seres. Só é então é formidavel, amigstute, divina
 É essa pompa que ~~chiaro~~ ^{estremamente, repugnante} ~~stoy~~ ^{compuncto} acostumado a descer ás profun-
 das da vida, deles pode arrancar ^{seu} ~~seu~~ brutalidade selvagem e ~~bruta~~ ^{misterio}
 De nessa pompa profundissima ^{abstrata e abysmica} o artista se eleva a uma exaltação in-
 comensuravel, por fim exaltação tão pura não caberá nos limites in-
 suportaveis, estreitissimos duma tela banal. É na propria vida
 que os pintores devem pintar! Tomando-se cenografos gigantescos
 jogos de luz e sombra lutando labirinticamente ^{multa} ~~em~~ ^{cores e misturas} ~~cores~~ a turbilhão
 harmoniosamente no ar por entre espasmos delirantes de ascese as-
 serão lançados por eles na vida e no ambiente que nos envolve, exprime

Fig. 25. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 25.

26

do na sua magica combinação ^{em delirio} a mistica loucura do espirito Santo da morte. E sendo ~~os~~ ^{os} arquitetos como pintores, ergueram edificios, sem forma definida, que continuando-se labirinticamente uns com os outros entrelaçando-se numa furia ^{lucrosa} e ^{espectral} nem mesmo sem fixos, desenvolvendo-se constantemente num turbilhão, vertiginoso e volutiv prodigioso que espulsa ^{expressivamente} espasmos agonizantes de luxuria astral em ^{delirio} e em Loucura! Tudo se confunde e entao ^{labirinticamente} ^{nessa vertiginosamente} ^{movida} ^{arquitetura} estupefa, feita dum delirio de pedras arre-messadas aos ares em turbidas fantasias, e feita ^{de harmonias barbaicas} ^{de cores} ^{de luz} ^{de trevas} cores, luz e trevas! Será tudo na grande cidade do vicio astral ^{com} ^{simultaneamente} ^{misturado} em espasmos de ascése. Os materiais de construção ^{arquitetural} e os ^{materiais} de pintura aerea sempre ^{labirinticamente} e ^{espasmodicamente} se misturam em vertiginosamente turbilhão movimento ^{eterno-variabilissimo} ^{atraves} ^{duma harmonia} ^{unificadora} ^{para} que toda esta ^{confusão} estupefa ^{se} ^{esprima} ^{por} ^{entre} ^{misticas} ^e ^{sinistras} ^{escaladas} a ^{marcarem} ^o ^{clima} ^{do} ^{delirio} ^{espasmo} ^{do} ^{labirintico} ^e ^{lucro} ^e ^{lucurante} ^{processo} ^{fantasmagorico} ^{em} ^{astral} ^{vertigem}. ^{Do} ^{delirio} ^{em} ^{seu} ^{paroxismo} ^{convulsivo} ^e ^{espectral} ^{se} ^{espalha} ^{no} ^{mundo} ^{inteiro}! Sim, lancemos delirantemente na arte e na vida a ^{vertigem} ^{de} ^{Deus}!

E por entre as ^{movidas} ^{constantes} ^{fitas} ^{de} ^{surgirem} ^{com} ^{materiais} ^{de} ^{garras}, ^{erguer-se} ^{de} ^{taes}, ^{lançarem} ^{em} ^{variavel} ^e ^{fantastico} ^{turbilhão} ^{de} ^{expressões} ^{fantasmica} ^e ^{divina}, ^{templos} ^{grandiosos} ^{de} ^{vicio} ^{astral}. ^{Em} ^{ambiente}, ^{sob} ^{uma} ^{atmosfera} ^{que} ^a ^{cada} ^{passo} ^{transpira} ^{dense} ^e ^{delirio} ^{em} ^{sinistramente} ^{espectraes} ^{convulsões} ^{de} ^{morte} ^a ^{expressimur} ^{de} ^{betra} ^{de} ^{espasmodica} ^e ^{loucura} ^{divina}, ^{nessa} ^{ambiente} ^{astral} ^{de} ^{vicio} ^e ^{virtude}, ^a

Fig. 26. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 26.

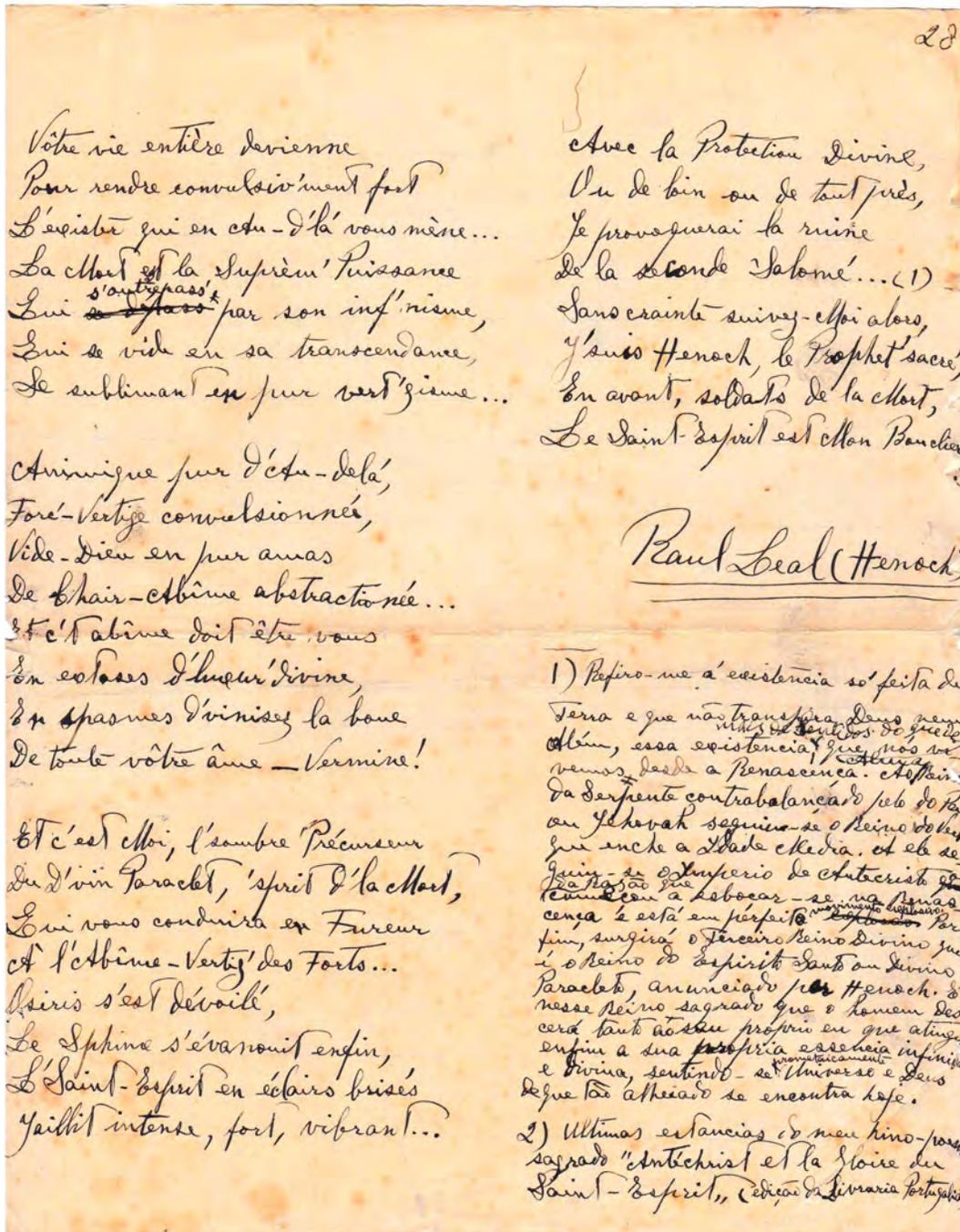


Fig. 28. A Visão de Dois Artistas e a Luxuriosa Loucura de Deus, p. 28.

Bibliografia

- ALMEIDA, António (2017). “A Visão Luxuriosa de Raul Leal, Profeta Sagrado da Morte e de Deus”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 134-168. (DOI: [10.7301/Z0ST7N1F](https://doi.org/10.7301/Z0ST7N1F))
- AA.VV. (1993). *Pacheco, Almada e “Contemporânea”*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura / Bertrand Editores.
- BARRETO, José (2012). “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, in *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 2, Outono, pp. 240-270. (DOI: [10.7301/Z02V2DM3](https://doi.org/10.7301/Z02V2DM3))
- GOMES, Pinharanda (1975). “Raul Leal – Iniciação ao seu Conhecimento”, in *Pensamento Português III*. Braga: Editora Pax, pp. 66-80.
- ____ (1966). “Um d’Orpheu – Raul Leal (esboço bio-bibliográfico)”, in *Filologia e Filosofia (Temas de Filologia e Filosofia Portuguesas)*. Braga: Editora Pax, pp. 23-45.
- LEAL, Raul (1977). “Um extraordinário pintor Mário Cesariny de Vasconcelos”, in LEAL, Raul, Natália CORREIA & Lima de FREITAS, *Mário Cesariny*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- ____ (1922). “A Derrocada da Técnica – Palavras do Doutor Raul Leal no Comício do Chiado Terrasse,” in *Contemporânea: Grande Revista Mensal*, dir. José Pacheco, Vol. 1, n.º 2, Lisboa, junho, pp. 60-63.
- ____ (1921). “O Passado e o Futuro – Os velhos e os novos”, in *Diário de Lisboa*, dir. Joaquim Manso, Ano I, n.º 148, Lisboa, 26 de setembro, p. 3.
- NÃO ASSINADO (1921a). “Uma reunião de artistas. No banquete de homenagem ao distinto pintor João Vaz. Dois discursos futuristas: de José de Almada Negreiros e do dr. Raul Leal”, in *Diário de Lisboa*, dir. Joaquim Manso, Ano I, n.º 215, Lisboa, 15 de dezembro, p. 9.
- NÃO ASSINADO (1921b). “A reunião de ontem no Chiado Terrasse – O comício dos ‘novos’: algumas notas interessantes e curiosas escritas por alguém que assistiu à assembleia. O discurso futurista do nosso colaborador Almada Negreiros”, in *Diário de Lisboa*, dir. Joaquim Manso, Ano I, n.º 218, Lisboa, 19 de dezembro, pp. 4 e 8.
- NÃO ASSINADO (1921c). “O comício intelectual no Chiado Terrasse”, in *Ilustração Portuguesa*, n.º 827, dir. Tito Martins, Lisboa, 24 de dezembro, p. 499.
- NÃO ASSINADO (1921d). “No banquete oferecido pelos novos a João Vaz no Restaurante Leão”, in *Ilustração Portuguesa*, n.º 827, dir. Tito Martins, Lisboa, 24 de dezembro, pp. 514-515